



PADRE
**LADISLAU
KLINICKI**

CARTA MORTUÁRIA



“A vida dos justos está nas mãos de Deus, e nenhum tormento os atingirá. Aos olhos dos insensatos parecem ter morrido; sua saída do mundo foi considerada uma desgraça, mas agora estão em paz”. (Sab 3,1-3).

PADRE
**LADISLAU
KLINICKI**



Kursk, Rússia, em
14 de junho de 1914



São Paulo (Brasil),
12 de abril de 2022

- 107 anos de idade,
- 88 anos de vida religiosa salesiana
- 79 de presbiterato

Lembrança post-mortem do salesiano sacerdote, certamente o mais idoso da Congregação Salesiana.

“Para o salesiano, a morte é iluminada pela esperança de entrar na alegria do seu Senhor.” (C. 54).

A FAMÍLIA



Ladislau Klinicki nasceu em Kursk, Rússia, em 14 de junho de 1914. Foram seus pais, Karol Klinicki, ferroviário, e Katarzyna Kitlińska, funcionária pública. Os seus irmãos eram: Boleslau, Maria, Estela e Francisco.

Da sua infância, ele lembra: *“minha mãe, teve vida laboriosa e cheia de sofrimentos. Lembro-me de sua fé inabalável na Misericórdia Divina e na proteção de Maria, Auxílio dos Cristãos. O seu exemplo me ajudou a vencer todos os sofrimentos e a reconquistar entusiasmo para novas tarefas”.*



ITINERÁRIO VOCACIONAL

A primeira obra salesiana com a qual Padre Ladislau teve contato foi Ład e Marszałki (Polônia). Em seguida, fez o noviciado em 1933, em Czerwińsk, Polônia, onde realizou também sua primeira profissão religiosa aos 26 de julho de 1934, o pós-noviciado em Marszałki, de 1934 a 1939, o curso de filosofia em Wilno (Polônia) na Universidade Estadual Estevan Batory. A profissão perpétua foi em Rózanystok, Polônia, aos 15 de agosto de 1938. O tirocínio prático em Varsóvia, Lipowa, Supras, de 1937 a 1939, e a teologia em Wilno, Polônia, de 1939 a 1943. Mas foi preso em março de 1942, ainda seminarista na Polônia, e enviado para a Alemanha, como operário voluntário, vivendo uma situação que lembra a escravidão do Egito, narrada pela Bíblia. Em junho do mesmo ano, obteve liberdade e, no dia 14 de fevereiro de 1943, foi ordenado presbítero em Varsóvia por Dom Casimiro Bukaraba, onde exerceu o seu ministério.

Em 1943 e 1944, foi catequista em Varsóvia, Polônia. Catequista quer dizer, na época, encarregado da pastoral, catequese, vida espiritual da casa e cuidado da saúde dos residentes naquela instituição.

Depois de alguns meses, teve que vol-

tar para os terríveis campos de concentração. Percorreu uma longa via-sacra como prisioneiro em Gross-Rossen, Dora e Nordhausen. Sobreviveu os horrores do nazismo.

De 1944 a 1950, esteve em Hannover-Muden, na Alemanha, como Vigário Capelão.

De 1950 a 1968, tornou-se missionário em Quito, Equador. Em Cuenca e Guayaquil, atuou como conselheiro escolar, ou seja, encarregado da disciplina, dos estudos e do progresso dos alunos na vida acadêmica, além disto, foi professor e vigário paroquial.

De 1969 a 1970, em São Paulo (BSP), foi capelão dos poloneses. Esta capelania é muito antiga. Embora os poloneses não residissem no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, eles tinham a Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, instalada em 1914, como ponto de referência, havia a celebração dos sacramentos, palestras de formação, informativo e atividades sociais.

De 1971 a 1978, em Lavrinhas, foi confessor e professor de inglês. Lavrinhas era um grande obra salesiana da Inspetoria. Fundada em 1914, foi sede do aspirantado até 31 de dezembro de 1992, noviciado de 1914 a 1931, e pós-noviciado de 1914 a 1942.

Padre Ladislau foi confessor nas atividades pastorais na vizinha cidade de

Cruzeiro, na Obra Salesiana do Instituto Nossa Senhora Auxiliadora, chamada simplesmente de “Oratório” e aumentou o círculo de amigos e colaboradores do aspirantado.

Em 1979, por um ano, ficou em Americana, a comunidade é do Colégio Dom Bosco, e conta com atividades da escola, obra social e paróquia. Lá, ele foi Vigário Paroquial.

De 1980 a 1990, permaneceu por dez anos em Pindamonhangaba. Esta Obra Salesiana surgiu no tempo do inspetorado do Padre Orlando Chaves (1939 – 1948). No dia 29 de setembro de 1943, o noviciado chegou definitivamente, o Instituto do Coração Eucarístico de São Paulo, Ipiranga, em Pindamonhangaba, ali ficou até 1977.

Além dos noviços, havia nesta mesma casa o aspirantado. Desta forma, o Padre Ladislau, além das aulas para os noviços e aspirantes, tinha também muitas confissões e atendimentos na igreja pública.

De 1991, até os dias de hoje, Padre Ladislau terá residência em São Paulo, no Colégio Santa Teresinha, casa para salesianos idosos e doentes. Exímio e procurado confessor até o fim de sua vida.

Sua devoção predileta:

O Padre Ladislau sempre fez refe-

rência e propagou a devoção à Divina Misericórdia com palavras e escritos. Em sua boca, estavam sempre os ensinamentos do Diário de Santa Faustina Kowalka, que conta a história de sua vida, desde a infância em família, até sua entrada na vida religiosa e as revelações feitas por Jesus Misericordioso. Esta ciência da misericórdia divina foi tema constante das orientações do Padre Ladislau para seus penitentes. À Misericórdia Divina, ele atribuía o fato de estar vivo e de poder propagar esta devoção. Era sua expressão constante: “Senhor, por mais duro que seja o meu caminho, fazei com que eu ande. Quero seguir-vos até à Cruz. Vinde, tomai a minha mão”. “Jesus, eu confio em vós”.

No dia 16 de outubro de 1975, o Santo Padre Paulo VI, (hoje São Paulo VI), dirigindo-se a duzentos sacerdotes sobreviventes do campo de concentração de Dachau, e disse:

“Como testemunhas vivas dos males da guerra, não podeis senão inspirar nos homens pensamentos saudáveis e levá-los a propósitos de paz, no amor recíproco e na fraternidade dos povos”.

Animado pelas palavras que acaba de escutar, ele escreve um livro “A um passo da morte” que chegou até à 15ª

edição. É a narração de fatos autênticos e trágicos vividos pelo autor, Padre Ladislau Klinick, SDB, durante a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945).

Ele escreve: “Pela misericórdia de Deus estou vivo e quero até a minha morte, inspirar nos homens pensamentos saudáveis e despertar nos corações dos que me lerem, uma confiança inabalável em Jesus Misericordioso, nossa esperança e nossa salvação”.



A um passo da **MORTE**

Pe. LADISLAU KLINICKI



A UM PASSO DA MORTE

livro do Padre Ladislau:

OCUPAÇÃO RUSSA

Entre vastos bosques de belos pinheiros, na Polônia Oriental, a quinze quilômetros de Bialystok, encontra-se uma pequena e tranquila cidade chamada Suprasl. Nela, surpreendeu-me o início da Segunda Guerra Mundial, a 1.º de setembro de 1939, justamente nos dias de preparação de minha partida para Roma, no intuito de começar meus estudos de Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana.

Nosso Colégio Salesiano em Suprasl, foi ocupado pelas tropas soviéticas. Meu Inspetor, padre Estanislau Plywaczyk, naqueles dias já estava em Vilno, fazendo sua última visita canônica às casas salesianas; daquela cidade, no princípio de outubro. Recebi uma carta sua na qual me chamava, o mais depressa possível, para estudar Teologia no Seminário Maior Diocesano, uma vez que a minha viagem a Roma estava impossibilitada pela guerra. A pedido do diretor da casa salesiana em Suprasl, levei comigo o seminarista Witold Golak para que pudesse fazer seu tirocínio na Lituânia. Para nossa viagem, recebemos o dinheiro suficiente para as despesas e passagens de trem. O padre diretor deu-nos também a bênção de Maria Auxiliadora, o que valeu muito mais do que o dinheiro.

Apesar de grandes dificuldades, conseguimos chegar de carro a Bialystok; depois, por via-férrea, até Vilno. Viajamos a pé durante toda a noite, cansados e nervosos; ora cochilávamos, ora conversávamos e rezávamos muito para que os russos não nos mandassem de volta a Bialystok, depois da anexação de Vilno à Lituânia.

Graças a Deus, por fim chegamos a Vilno pela manhã, a estação estava repleta de soldados russos. A terra já coberta pela neve. Tivemos sorte, porque bem depressa desvencilharmo-nos da multidão e sem problemas chegamos ao nosso Colégio, o que ficava mais perto da estação, na rua Stefanska, 41.

No Colégio, encontramos o padre Provincial e todos os membros da comunidade: sacerdotes, seminaristas, estudantes de teologia, que no ano anterior já tinham começado seus estudos no Seminário e na Universidade Estadual Estêvão Batory. Entre eles estavam meus colegas, Mariano Janowski, Casimiro Grzegorzcyk, João Tokarski, Isidoro Marciniak, Bronislau Chodanionek e Tadeu Hoppe. Alguns deles chegaram de Cracóvia durante as férias e depois de começar a guerra, já não podiam voltar: ficaram conosco para concluir seus estudos teológicos no Seminário Diocesano de Vilno.

Eu com meu colega Tadeu Hoppe,

com quem devia estudar em Roma, fixamos nossa residência no Colégio Salesiano, Rua Dobra Rada, 22. Estudava no Seminário e a noite, ajudava na catequese e no cuidado dos coroinhas.

Durante os dois primeiros anos da guerra, pude dedicar-me aos estudos de Teologia sem maiores obstáculos, pois os russos tinham entregue a cidade aos lituanos. Porém, os russos se viram obrigados a baterem retirada em junho de 1941, três dias depois de começar a guerra russo-alemã. Desde esse dia a cidade ficou ocupada pelo poderoso exército alemão.

VISITA DA GESTAPO AO SEMINÁRIO

Deus conosco. Essa senha cristã do exército alemão foi eliminada, por algum tempo, pela neopagã: "Heil Hitler", isto é, salve Hitler.

Depois de declarada a guerra russo-alemã, quando as tropas hitleristas ocuparam a cidade de Vilno, todos tínhamos pressentimentos de que os alemães, depois de exterminarem os judeus, começariam a fazer o mesmo conosco: prisão, campo de extermínio, crematório. E assim sucedeu.

No dia 4 de março de 1942, o Seminário Maior teve uma 'visita' da Gestapo. Naquele dia, às oito horas da manhã, quando eu me dirigia ao Seminário para as aulas, vi na rua alguns caminhões do exército e, na porta do prédio, duas pessoas em trajes civis que apa-

rentemente, montavam guarda. Foram eles que me explicaram que qualquer um poderia livremente entrar no Seminário. Uma vez no interior do edifício, compreendi tudo rapidamente, quando um dos seminaristas me disse: "Temos hoje uma 'visita' da Gestapo".

Os homens da Polícia Secreta Estadual, reunindo-nos em uma sala, disseram que estávamos presos e que somente depois de feitas as investigações, poderíamos ser libertos.

Para se realizarem essas investigações, todos os professores e estudantes de Teologia foram convidados a ocupar seus lugares nos caminhões cobertos com lonas, que nos levariam à prisão chamada Lukiszki. Aí, imediatamente teve início o processo de rotina destinado aos prisioneiros. Depois de preencher os formulários com os dados pessoais, os guardas da prisão colocaram em cada uma das celas cinco pessoas, nos calabouços do edifício. O lugar era fétido, sujo, horrível sob o aspecto higiênico. Antes tinham ocupado aquelas celas os judeus, os quais tinham contraído tifo e os alemães, depois de liquidados os judeus, não haviam desinfetado o local.

Somente quando um dos seminaristas, examinado pelo médico, manifestou também sinais de tifo, os alemães nos mandaram tomar banho de ducha e desinfetaram nossas celas.

A maior ajuda espiritual para nós foi a confiança na Misericórdia de Deus e a oração. Todos os dias fazíamos nove-

nas a Jesus Misericordioso, meditações em comum e até cantávamos, sendo muitas vezes interrompidos pelos gritos dos guardas: "Silêncio! Aqui não se pode cantar, aqui não é igreja".

Chamou-me certo dia um dos carcereiros, fez com que eu saísse da cela e levou-me a um escritório onde já me esperava um homem da Gestapo, vestido à paisana. Na minha presença, para espantar-me mais, tirou da gaveta um revólver e o colocou no bolso, dizendo: "Irás comigo às salas de interrogatório". Informou-me que, ao sairmos à rua, eu não deveria parar pelo caminho, nem pensar em fugir, porque isso poderia acabar mal para mim. Por fim, saímos da prisão.

Que alegria andar pelas ruas como se fosse outra vez livre, mas eu sabia que atrás de mim, havia um anjo mau com um revólver carregado. Chegando ao fórum, compreendi que me haviam chamado para uma investigação individual. Numa pequena sala estava sentado outro agente da Gestapo. Num dos dedos, ostentava um anel com uma caveira e dois ossos cruzados, distintivo particular e exclusivo da Gestapo. Fiquei admirado quando ele me permitiu sentar e ofereceu-me um cigarro, que agradei, dizendo que não fumava.

Começou então a interrogar-me, enquanto ia preenchendo um grande formulário de quatro páginas. À todas as perguntas, respondi com facilidade e calma, repetindo, porém, com frequência que não conhecia determina-

dos assuntos, pois ficava no Seminário unicamente durante as aulas, retirando-me imediatamente para a casa salesiana, que era minha residência. Das perguntas que me fez esse agente da Gestapo, pude deduzir que não tinham motivos sérios para nos acusarem e nos castigarem como conspiradores contrários à Alemanha. Anonimamente, alguém nos acusara de termos ouvido no Seminário a rádio de Londres, estudado inglês, lido folhetos contra a Alemanha. Ao final do interrogatório, pude tranquilamente assinar minhas declarações, sem colocar ninguém em situação difícil. Fui então conduzido de volta à prisão e recolocado em minha cela, com os mesmos seminaristas, meus colegas.

Quando todos estes foram interrogados, assim como eu, os próprios alemães chegaram à conclusão de que todas as acusações feitas contra nós e contra os nossos professores eram falsas. Decidiram então, o mais depressa possível, resolver o assunto - libertar os seminaristas lituanos e enviar os demais para a Alemanha, para trabalharmos em fábricas daquele país, enquanto os professores foram deportados para a Lituânia.

Éramos jovens e não valia a pena ficarmos durante toda a guerra encarcerados na prisão. Era muito melhor trabalharmos como operários livres. Era preciso decidirmo-nos rapidamente para podermos sair daquele lugar perigoso, sobre cuja entrada estava escri-

to: "Prisão de trabalhos pesados". Daí, os alemães enviavam com frequência os transportes para os campos de concentração.

Cada um de nós, apresentando-se "voluntariamente" para o trabalho na Alemanha, sob o controle do Arbeitsamt (Departamento do Trabalho), tinha a esperança de fugir no caminho e assim tornar-se livre. De fato, assim fizeram três seminaristas, ainda nas ruas da cidade de Vilno. Depois fugiram alguns que moravam na cidade de Grodno. O maior número de seminaristas, porém, fugiu em Varsóvia, quando os soldados alemães nos deixaram ir ao banheiro e quando eles se ausentaram para jantar, deixando-nos sozinhos nos vagões do trem. Assim fez também o seminarista Eduardo, hoje bispo em Bialystok, ordenado sacerdote comigo, no dia 14 de fevereiro de 1943, em Varsóvia.

Somente quando o trem partiu de Varsóvia, os alemães notaram a falta de muitos dos seminaristas e ameaçaram levar todos nós de volta à prisão.

Essas ameaças, porém, não tinham maior valor e consequências perigosas, porque depois de algumas horas de viagem estávamos na Alemanha. Os passageiros nas estações nos tratavam de modo hostil e outros nem se aproximavam dos vagões para falar conosco.

Preso em março de 1942, ainda seminarista na Polônia, Ladislau foi enviado para a Alemanha como operário voluntário, vivendo uma situação que faz

lembrar a escravidão do Egito, narrada pela Bíblia.

Em junho do mesmo ano, obtive a liberdade e, aos 14 de fevereiro de 1943, foi ordenado sacerdote por D. Casimiro Bukraba, bispo de Pinsk, Polônia. Seu ministério foi em Varsóvia, catequista na casa Inspetorial. Por pouco tempo, porém. Depois de alguns meses, teve que voltar, agora para os terríveis campos de concentração. Percorreu um longa via-sacra como prisioneiro, de modo especial nas prisões da Gestapo (Vilno e Varsóvia), e em Gross-Rosen, Dora e Nordhausen, assim como nos terríveis campos de extermínio da Alemanha Nazista.

TRABALHADOR "VOLUNTÁRIO" NA ALEMANHA

Depois de uma longa viagem, chegamos a Frankfurt am Main, sem acidentes desagradáveis ou trágicos. Os aliados bombardeavam várias cidades e vias férreas todas as noites, transformando as belas cidades, as fábricas de indústria bélica e estações em montes de ruínas fumegantes, que podíamos ver com nossos próprios olhos, em nosso trajeto de Dresden e Chemnitz.

É muito compreensível que os dirigentes alemães do nosso transporte manifestassem temor visível e grande preocupação. Fiquei, contudo, surpreendido quando um dos militares pediu uma imagem de Jesus para prendê-la

na parede da locomotiva, confiante que, desse modo, evitaríamos a destruição e a morte. Entregamos ao soldado a imagem de Jesus Misericordioso, que tinha estas palavras embaixo: *Jesus, eu confio em Vós*.

Deus dignou-se recompensar essa confiança na ajuda de Jesus, porque realmente tivemos uma viagem muito feliz e agradável, até nos esquecendo dos dois meses de prisão em Vilno.

Chegamos à estação de Frankfurt am Main, sem nos determos, contudo, nela. Levaram-nos um pouco mais adiante, a uma cidadezinha chamada Keisterbach, onde funcionava um campo de recepção e repartição dos trabalhadores, dirigido pelo Arbeitsamt para as numerosas fábricas de Frankfurt am Main, Wiesbaden, Mainz, Darmstadt e Hanau.

No mesmo dia, depois de recebermos sopa e pão, fomos encaminhados outra vez para Frankfurt am Main, e designados para grande indústria de materiais elétricos, destinados inteiramente às necessidades bélicas, com especial preferência para aparelhos de submarinos.

A indústria Voight und Haeffner era muito grande e ocupava enormes terrenos na Rua Hanauerlandstrasse, parte oriental da cidade de Frankfurt am Main.

Sendo trabalhadores "voluntários", recebíamos remuneração em dinheiro, porém, 30% do salário eram deduzidos e designados para o seguro de saúde e

reparações de guerra.

Dormíamos em pensões para os estrangeiros (Unterkunft), longe da fábrica, na Rua Hans Handwerkstrasse, frente ao Convento das Religiosas Católicas, o que foi para mim e para meu colega diácono, Tadeu Hoppe, uma graça particular, porque cedo, todos os dias, podíamos participar da Santa Missa na Capela das Irmãs, confessar-nos semanalmente, e receber a Santa Comunhão, apesar de sermos vigiados pela Gestapo. O guarda da pensão era católico praticante e nos permitia levantar-nos cedo para irmos à igreja.

No primeiro dia, após a Missa, nosso confessor e capelão das Irmãs, Pe. Ernst Gerhard, chamou-nos para uma conversa breve na sacristia. Em seguida, apresentamos-lhe as cartas do nosso padre Provincial da Polônia, Pe. Estanislau Plywaczyk, onde atestava que éramos já diáconos e que não tínhamos impedimento nenhum para sermos ordenados sacerdotes por qualquer bispo disposto a fazê-lo em nosso favor.

Desde aquele dia, o padre Capelão mostrou-se sempre solícito em ajudar-nos. Fomos apresentados também à Irmã Superiora do Convento e ela nos convidou a tomar café, todos os dias, na sacristia, e cuidou para que semanalmente, nossa roupa fosse lavada no Convento. As Irmãs deram-nos também o endereço do restaurante administrado pelas Irmãs de Caridade (Caritas Verband), onde poderíamos jantar

junto com os estrangeiros italianos e franceses. O jantar era pago simbolicamente, só com alguns centavos. Em outros restaurantes teríamos que pagar muitos marcos.

Certo domingo, fui com meu colega diácono, Tadeu Hoppe, até uma casa salesiana, na cidade de Wiesbaden, e lá encontramos o Pe. José Strauch, Inspetor Salesiano da Polônia, província sul (Cracóvia).

Ele achou que nossa situação não era tão alarmante, se comparada a muitas outras, como, por exemplo, a dos salesianos presos e fechados nos campos de concentração em Auschwitz (em polonês, Oświęcim) e Dachau.

Aconselhou-nos a não pensar em fuga, pois poderia piorar nossa situação. Seguindo seu conselho, continuamos em nosso trabalho, que algumas vezes era bastante difícil: descarregar material elétrico, proveniente da Itália. Outras vezes, até fácil e agradável: preparar e enviar diversas peças ao setor de montagem. As peças não precisávamos contá-las uma a uma, para este fim tínhamos várias balanças de precisão. As balanças bem calibradas davam o número exato das peças requeridas.

Nos primeiros dias de junho de 1942, eu estava descarregando, juntamente com outros operários, as caixas pesadas com material elétrico chegadas da Itália. O vagão que descarregávamos estava parado bem perto do elevador. Eu estava com um pé no elevador e o outro na plataforma cheia de caixas.

Em certo momento, um trabalhador pôs o elevador em movimento, sem me dar tempo suficiente para entrar. Perdi o equilíbrio, caí fora, primeiro na plataforma e depois, mais abaixo, sobre a bitola, machucando às duas pernas. Não podia me levantar sozinho, aturdido pela queda e pela dor dos ferimentos.

Levado ao médico da fábrica, Dr. Bautzmann, que tinha seu consultório na Rua Am. Tiergarten, 4, fui imediatamente atendido. Ele dispensou-me por três dias do trabalho e me mandou voltar, após isso, para nova consulta.

No dia da minha segunda visita médica, eu estava bastante resfriado e tosse muito. Perguntou-me desde quando estava trabalhando e qual a minha profissão. Uma coisa meu médico não podia compreender: por que eu fora tão imprudente e me apresentara ao trabalho sem terminar meus estudos universitários em Vilno. De repente surpreendeu-me com a pergunta:

— Quer retornar a sua pátria para terminar seus estudos? Ao responder-lhe que não via possibilidades de realizar esse retorno, sem autorização do Departamento do Trabalho ele me disse:

— Eu o ajudarei.

A promessa foi cumprida mais depressa do que eu poderia esperar. Primeiro, o Dr. Bautzmann mandou uma carta ao Departamento do Trabalho notificando que eu tinha de me apresentar o mais rápido possível ao Instituto de Pesquisa, onde deveria ser examinado pela

Comissão Especializada dos Médicos. Depois o Dr. Bautzmann falou por telefone com seus amigos, que precisamente trabalhavam naquele Instituto de Pesquisa.

Não sei o que o Dr. Bautzmann falou com eles, mas quando cheguei, explicaram que o pequeno acidente sofrido e meu resfriado não era motivo suficiente para eu voltar à minha pátria. Porém, me dariam um diagnóstico significativo, consistindo de três letras: TBC. Um dos médicos me disse:

— Como estudante universitário, você sabe o que significam estas três letras.

Eu disse que sim, que elas significavam tuberculose.

— Muito bem. Estamos de acordo. Você sabe que nós médicos devemos justificar cientificamente a razão por que você não pode trabalhar aqui, e o motivo de lhe concedermos a ordem de retorno (Riickzugschein), que muitos trabalhadores estrangeiros tanto desejam, mas que só alguns de maior sorte recebem.

Sim. Neste momento eu compreendia o plano dos médicos, amigos do Dr. Bautzmann e, agradecido, recebi o certificado indispensável para retornar à Polônia, a ordem de retorno e a passagem gratuita de Frankfurt am Main, até Vilno.

Fiquei feliz e reconhecido a Deus e aos médicos alemães, homens de boa vontade, desejosos de ajudar-me com sua "mentirinha científica" que pode-

ria custar caro, caso alguém descobrisse.

Chegando a Berlim, pela tarde do dia 27 de junho de 1942, em vez de esperar algumas horas na estação para viajar para Varsóvia, dei um passeio pelas ruas da cidade. Na Rua Grosse Hamburgerstrasse, 19, encontrei a Casa Salesiana (Katholische Jugendheim), e nela meu colega de seminário, José Jeszke.

Convidado pelo padre Diretor, Augusto Klinski, fiquei ali um dia, aproveitando para conhecer Berlim, que ainda não fora destruída pelos bombardeios dos aliados. Meu colega José Jeszke foi um guia excelente, levando-me a conhecer as coisas dignas de se ver na capital da Alemanha: a catedral católica, a protestante, os monumentos (Brandeburgentor e Siegessäule), o museu (Ruhmeshalle), o Jardim Zoológico e a famosa Allee unter den Linden. Alguns meses depois, todos esses monumentos de glória foram arrasados pelas bombas, menos Bunker (abrigo antiaéreo, onde morreu Hitler, suicidando-se nos últimos dias da guerra).

DE VOLTA À POLÔNIA

No dia seguinte, eu já estava na Polônia. Em vez de viajar diretamente para Varsóvia, em Kutno, tomei outro trem, que se dirigia nesse momento para a cidade de Łódź, onde minha mãe morava. Eu desejava visitá-la, depois de muitos anos sem vê-la.

Entrando rapidamente no trem, deparei com um compartimento destinado somente para os empregados do governo, para os soldados e agentes da Gestapo, pois na porta se lia: Diens-tswagen, que em português seria Vagão Oficial.

Tive sorte, pois minha presença não despertou a curiosidade dos passageiros fardados. Uns estavam ocupados com a leitura dos jornais, outros escreviam seus volumosos relatórios.

Sentei-me perto da janela, sozinho, e segurando com ambas as mãos o jornal alemão comprado em Berlim, fingia lê-lo atentamente, mas na realidade eu rezava, pedindo a Jesus sua ajuda e proteção, tão necessárias nesse momento.

Quando chegamos a Lódz, saltei do trem com alívio e alegria; tive que passar pela alfândega, onde dois soldados quiseram revistar minha mala. Apresentei-lhes minha autorização de retorno e então deixaram minha mala sem revista, julgando que um pobre operário retornando da Alemanha não tinha nada de especial consigo.

O encontro com minha mãe foi alegre e comovente. Foi uma surpresa e um presente para mim e para minha mãe, pelo que agradecemos imediatamente ao Senhor com uma breve e sincera oração.

Depois de comer qualquer coisa e conversar um pouco com minha mãe, para saber como se salvara a nossa família, quando a guerra começou em

primeiro de setembro de 1939, retornei à estação o mais rapidamente possível, pois minha presença, apesar de ser tão breve, já despertara a curiosidade dos alemães, que moravam perto de nossa casa.

Para minha mãe foi difícil crer que eu fora liberado do trabalho na Alemanha com base num certificado de saúde falso dado pelos médicos alemães. Por isso, ao despedir-se de mim, disse-me:

— Talvez, Ladislau, você esteja realmente doente, mas não quer entristecer-me.

— Não - respondi-lhe - graças a Deus estou bem de saúde.

Sem dificuldades embarquei no trem que partia para Varsóvia, aonde cheguei sem novidades às nove horas da noite. Sem saber que na capital da Polônia fora dado o toque de recolher e que, sem licença especial, ninguém podia andar pelas ruas durante a noite, fui visitar meu irmão, Estêvão, que morava na Avenida Chmieina, 104.

Fiquei admirado com o silêncio, a escuridão e o vazio em toda a cidade. Somente de longe ouvia, às vezes, o passo pesado e rítmico das sentinelas alemãs, os disparos de fuzil e a voz enérgica de comando: Halt!... halt! (um convite para deter-se).

Por fim, à meia-noite, muitas vezes parando no caminho, cheguei à casa de meu irmão, após tê-la procurado com dificuldade, pois muitos edifícios haviam sido destruídos pelas bombas, nos primeiros meses da guerra.

Todos dormiam na casa, e meu irmão assustou-se ao ver-me a essa hora. Informou-me sobre o toque de recolher e me assegurou do grande risco que eu correria. Eu poderia ser fuzilado, se fosse achado pelas sentinelas alemãs a caminhar pelas ruas de Varsóvia a essas horas da noite.

No dia seguinte, fomos à Casa Salesiana na rua Lipowa, 14, para saudar o padre Inspetor, Wojciech Balawajder, e os demais. Ao ver me, o superior alegrou-se muito, mas quando soube que pretendia continuar minha viagem a Vilno, não me permitiu fazê-lo. Sendo meu superior, decidiu categoricamente que ficasse em Varsóvia, e que fosse aí ordenado sacerdote o mais depressa possível, o que muito me alegrou.

Eis aí a explicação de minha estada em Varsóvia durante a guerra, nos anos de 1942 - 1944.

Graças a essa decisão, vivi em Varsóvia saboreando a liberdade, tive tempo suficiente para preparar-me para os últimos exames de Teologia Moral, Dogmática e Direito Canônico, fazendo-os sete meses depois em Cracóvia, no Instituto Teológico Salesiano.

O bispo de Cracóvia, a quem fui apresentado pelo Pe. Wojciech Balawajder manifestou sincera disponibilidade para me ordenar sacerdote. Sendo, porém, muito perigoso ficar em Cracóvia sem carteira de identidade, tive que voltar a Varsóvia, para, com a ajuda de meu irmão e de um coadjutor salesiano, Casimiro Denis, conseguir um

documento, chamado em alemão Kennkarte.

No dia 14 de fevereiro de 1943, na capela das Irmãs de Santa Úrsula, fui ordenado sacerdote junto com o Padre Eduardo Kisiel, meu colega do Seminário de Vilno. O bispo chamava-se Dom Casimiro Bukraba, bispo Diocesano de Pinsk, que naquele tempo se encontrava em Varsóvia.

Após a ordenação, trabalhei apenas um ano como catequista da Casa Inspetorial de Varsóvia, porque já me esperava uma nova cruz, novas viagens e novas aventuras desagradáveis, muito mais perigosas do que as anteriores: tive que voltar a prisão, essa vez a Pawiak, em Varsóvia, e depois viver até o fim da guerra nos campos de concentração de Gross-Rosen, Dora e Nordhausen.

Nas provas e sofrimentos sempre é útil conservar a calma, a prudência e invocar a ajuda de Deus, dizendo as palavras do salmo 54: *"Quanto a mim, Senhor, é em vós que ponho a minha confiança"*.

VARSÓVIA EM SOBRESSALTO

Se as testemunhas que presenciaram as tragédias nas prisões e nos campos de concentração da Alemanha Nazista não tivessem sobrevivido, se antes de morrer não tivessem narrado ou escrito algumas coisas a respeito, as gerações futuras não poderiam jamais saber ou imaginar a enormidade dos

crimes cometidos naqueles lugares.

Há muita gente hoje, que lendo esses horrores, não acredita na narração, ou não deseja ler e falar sobre esses assuntos tão trágicos e dolorosos.

Ninguém pode imaginar quanto sangue, quantas lágrimas se derramaram e quantas vidas foram ceifadas na Segunda Guerra Mundial.

Só a Polônia perdeu nos campos de concentração, nos combates e na insurreição de Varsóvia, seis milhões de cidadãos. De outras nações foram também sacrificados vários milhões, especialmente russos e alemães.

No dia 1º de fevereiro de 1944, o exército clandestino polonês, chamado Armia Krajowa (Exército do País), preparou e realizou no centro de Varsóvia uma emboscada diante do Quartel-General da Gestapo, matando o sanguinário comandante da SS e da Polícia do Distrito de Varsóvia, general Kutschera.

Os alemães responderam aquele ato atrevido com severíssimas represálias. Aumentaram as prisões, torturas e execução dos reféns. No mesmo lugar onde foi morto o general Kutschera, foram fuzilados 100 poloneses no dia seguinte.

Por ocasião do seu sepultamento, todas as casas que estavam no caminho por onde passaria o féretro, tiveram que ser abandonadas durante todo o dia. Essa ordem atingiu também a nós, salesianos, moradores do bairro Powisle.

Muitos saíram de Varsóvia, temendo atitudes mais drásticas após o enterro;

outros foram para as casas de amigos. Eu e um grupo de alunos internos menores fomos até a casa de meu irmão Estêvão e só retornamos à tarde ao Colégio.

No dia seguinte, recebemos no Colégio Salesiano a visita de dois homens que, falando perfeitamente polônês, solicitaram ao padre Diretor, João Pykosz, autorização para conhecer a casa: salas de aula, laboratórios, dormitórios, igreja, capela, refeitório, cozinha e demais dependências.

Pareciam muito preocupados em conhecer até os quartos dos salesianos, a secretaria onde se guardavam todos os registros, a localização de todas as portas que davam saída para as ruas adjacentes.

Passando de um lugar a outro, às vezes comunicavam-se em voz baixa, por isso não podíamos compreender o que falavam. Finalmente interrogaram-nos quanto ao número de alunos, pequenos e grandes, os componentes do corpo docente e funcionários. Por fim, agradecendo, retiraram-se, deixando impressão de serem jornalistas, fazendo reportagem, ou de representantes do Serviço das Obras Sociais que, antes de ajudar o Colégio com subsídios, desejam conhecer suas necessidades.

OS SALESIANOS NO PAREDÃO

No dia 7 de fevereiro de 1944, o nosso Colégio foi despertado, às cinco horas da manhã, pelo ruído de muitos carros militares, vozes de comando nas ruas

adjacentes e passos fortes e enérgicos. Todas as ruas estavam repletas de soldados, cenário frequente em Varsóvia, porque continuamente as tropas do Exército alemão dirigiam-se à Rússia, ou retornavam à sua pátria.

De repente, ouviram-se pancadas na porta do Colégio e gritos:

— *Aufmachen! Aufmachen!* (Abram! Abram!).

Depois, ouvi o ruído de vidros quebrados e de portas escancaradas com ajuda de fuzis e pontapés, seguido de berros, já dentro do Colégio:

— *Licht! Licht!* (Luz! Luz!).

Dentro de alguns minutos todas as luzes foram acesas nas salas e corredores; nosso Colégio estava repleto de militares.

A porta do meu quarto, afastado dos outros, era sobre a sacristia, muito pouco visível e difícil de ser encontrado por pessoas de fora. Sem acender a luz do quarto e já vestido de batina, peguei o terço e comecei a rezar, confiando que não seria encontrado. Minha ilusão durou pouco. Depois de dez minutos, ouvi os passos militares, firmes e apressados. Alguém bateu na porta e ressoou uma voz, bem conhecida para mim:

— Padre Ladislau! Abra!

Era a voz do padre Conselheiro, Estanislau Janik. Imediatamente obedeci e quando abri a porta, dois soldados entraram e, começaram a revistar todo o quarto com diligência.

Depois de invadirem o escritório do

ecônomo, onde haviam encontrado uma lista de todo pessoal da casa, não era difícil para os alemães verificarem a presença dos salesianos e buscarem os ausentes.

Ao nosso Diretor, Pe. João Pykosz, ameaçaram de que, se alguém faltasse, seria fuzilado. Nada encontrando de especial no quarto, os soldados me levaram à capela do Colégio, onde já estavam reunidos todos os sacerdotes, irmãos leigos, seminaristas, empregados e alunos maiores de dezesseis anos. Os alunos pequenos deixaram em paz nos dormitórios.

Entre os homens da Gestapo, distinguimos imediatamente aqueles dois indivíduos que nos haviam visitado nos primeiros dias de fevereiro; porém, agora envergavam seus uniformes de agentes de polícia. Eles, precisamente, é que dirigiam toda essa invasão brutal.

Durante a revisão encontraram em meu bolso algumas folhas, arrancadas do caderno escolar, onde estava escrito muitas vezes a mesma frase: "Não perca tempo e fique em silêncio".

Perguntaram-me o motivo pelo qual a frase havia sido escrita tantas vezes. Expliquei com calma que se tratava de um castigo dado a um aluno preguiçoso, que em vez de estudar conversava com seus colegas. Não ficaram convencidos com essa explicação e suspeitaram terem nas mãos uma mensagem codificada da rádio BBC de Londres e uma ordem clandestina para os guerri-

lheiros poloneses agirem contra a Alemanha sem perda de tempo e guardarem absoluto segredo.

Ouvindo tão fantásticas suposições e suspeitas, eu ri, pois, só poderiam nascer da cabeça de gente muito ignorante que não tem objeções concretas.

Era sinal evidente de que os alemães não tinham provas serias para justificar essa invasão bárbara.

Penetravam em todos os recantos do Colégio, para encontrar essas provas evidentes de nossa culpabilidade.

Terminada a luta em 1939, com a rendição incondicional do Exército Polonês, por todas as partes, nossos soldados deixaram casacos militares. O Ministério da Previdência Social oferecera para os alunos órfãos de nosso Colégio muitos de tais casacos. No dormitório, serviam para proteger do frio durante o inverno; no teatro, serviam para as representações e, na alfaiataria, os mesmos alunos adaptavam-nos ao seu próprio tamanho, para poderem ser utilizados.

Os alemães, encontrando tais casacos, trouxeram-nos triunfalmente a capela como prova da culpabilidade, dizendo que entre nossos alunos haviam também guerrilheiros do Exército clandestino polonês (AK - Armia Krajowa).

Aproveitaram ainda como prova contra nós, alguns fuzis velhos encontrados no guarda-roupa do teatro, que só serviam para representações.

Algodão, gaze, ataduras e medicamentos da enfermaria provavam — se-

gundo eles — que transformáramos a escola em hospital para guerrilheiros.

No quarto do Diretor, encontraram uma notável porção de dinheiro e o padre Superior foi acusado de estar guardando o caixa de um comando de guerrilheiros.

Acusaram-nos também de contrabandistas, pois no Colégio foram encontradas diversas mercadorias, tais como vinho italiano de Missa, nozes, figos secos e tâmaras.

De fato, tais artigos não existiam no mercado local e nos tinham sido enviados pela Missão Vaticana como donativos do Papa Pio XII. Com grande alegria e satisfação apoderaram-se desse material, transferindo tudo para um dos caminhões.

Depois de terem revistado todos os capturados individualmente, notaram por fim, a falta do padre Estanislau Burzynski. Ele, um dos que acordaram no momento preciso da invasão, correrá à igreja, subira ao coro e se escondido no grande órgão. Pode assim, bem de perto, ouvir o concerto de um alemão musicista, que em vez de revisar o coro com maior cuidado, preferira manifestar a todos nós seu talento, tocando habilmente a marcha fúnebre de Chopin, enquanto os demais da Gestapo levavam-nos para o pátio e nos colocavam contra a parede.

Naquele momento eu soube o que é sentir a última hora de vida, ao julgar que os alemães queriam executar-nos.

A probabilidade foi grande, pois in-

sistiram para que nos apertássemos o mais possível sem olhar para trás.

O pelotão de fuzilamento já preparava suas metralhadoras.

Falando humanamente, nossos minutos de vida estavam contados. Eu, porém, não tinha medo de morrer.

O padre José Oleksy disse em voz alta:

— Façam todos, o ato de contrição, que eu lhes darei a absolvição.

Persuadido de que chegara minha última hora, rezei o ato de contrição e disse a jaculatória: *"Jesus, eu confio em vós"*.

O comandante do pelotão, para atemorizar-nos ainda mais, ordenou:

— *Achtung! Drei längere!* (Atenção! Três prolongadas!).

Eu pensei logo em três rajadas prolongadas. Um soldado rindo, disse:

— *Zu viel...* (Demasiado).

Aí, ouvimos o comandante do pelotão contar: "Um... dois...". Silêncio, e depois, em vez do "três" esperado por nós, de repente, ressoou atrás de nós uma estrondosa gargalhada selvagem.

Naquele momento, eu estivera "A um passo da morte".

Em vez de executar-nos no pátio do nosso colégio, os alemães embarcaram-nos em caminhões e transportaram-nos para a famigerada prisão chamada Pawiak, situada no centro de Varsóvia.

Durante a guerra, ela estava no centro do gueto. Desde o dia 16 de maio de 1943, o gueto de Varsóvia foi completamente esvaziado e destruído. Aqui, meio milhão de judeus

concentrados foram sistematicamente exterminados, ou enviados aos campos de Treblinka e Majdanek, onde também sofreram a mesma sorte, queimados como lenha nas fornalhas do crematório.

NA PRISÃO EM PAWIAK

Nada une tanto os homens entre si e a Deus quanto o sofrimento comum. Os Salesianos, filhos espirituais de Dom Bosco, e os Lazaristas, filhos de São Vicente de Paulo, presos e enviados à prisão Pawiak, no mesmo dia e na mesma hora, se juntaram, formando uma comunidade exemplar.

Depois de anotarem nossos nomes, detalhes e particularidades previstas no fichário dos prisioneiros na seção de recepção, fomos distribuídos nas celas de números 207, 209, 210 e 211, no sétimo pavilhão. Após uma quarentena nessas celas, que se achavam nos porões, e feitos durante esse tempo severos interrogatórios, fomos levados para novas celas, mais agradáveis, no quinto pavilhão segundo andar, juntamente com os padres lazaristas. Em nossa cela haviam nove lazaristas e nove salesianos.

Eis os nomes dos padres lazaristas: Pe. João Rzymelka, Provincial e Vigário da Igreja de Santa Cruz; Pe. Bronislau Szymanski; Pe. José Lenka; Pe. Stanislaw Skorupinski; Pe. Vitoldo Ornai; Pe. León Wleckiewicz; Pe. Bronislau Bauer; Pe. José Florko e Pe. Tadeu Serzysko.

Os nomes dos salesianos: Pe. João Pykosz, Diretor da Casa Inspetorial; Pe. João Cybuiski, ecônomo e vice-diretor; Pe. Estanislau Janik, Diretor dos Estudos; Pe. Tito Robakowski; Pe. Estevão Wojciechowski; Pe. João Gabis; Pe. Luciano Kozhk; Pe. Juliano Rykala e Pe. Ladislau Klinicki.

Ao mesmo tempo, que o nosso diretor nos edificava com sua piedade, calma e domínio perfeito, o superior dos Lazaristas, grande professor de geografia, entretinha-nos durante longas horas com suas variadas narrativas sobre a América do Sul, com especial relação ao Brasil, onde havia vivido durante muitos anos como missionário, especialmente em Curitiba (Paraná).

Pelas janelas da prisão podíamos ver as ruínas do gueto, porque essa parte da cidade fora de propósito dinamitada e incendiada, depois de exterminado meio milhão de judeus que lá moravam. Nas ruas adjacentes a nossa prisão, os alemães fuzilavam os prisioneiros e após o ruído das metralhadoras, podíamos ver levantar-se a fumaça, anunciando que os cadáveres dos executados estavam sendo cremados.

Nessas horas, procurávamos rezar pelos mortos.

Quando os funcionários do escritório da prisão receberam ordem para selecionar 500 prisioneiros que seriam enviados ao campo de concentração de Gross-Rosen, puseram na lista todos os lazaristas e salesianos, julgando que seria melhor para de-

saparecermos de lá o mais depressa possível, porque em Varsóvia, os guerrilheiros poloneses já faziam preparativos para a insurreição geral. E realmente esta começou a primeiro de agosto de 1944, quatro meses depois de nossa chegada a Gross-Rosen.

Lembro-me bem de que o senhor Leão Wanay, secretário-intérprete e arquivista da prisão, discretamente nos transmitiu este recado: "Todos os sacerdotes aproveitem a ocasião para sair daqui o mais rápido possível, porque em Varsóvia, chegarão dias muito quentes e difíceis".

As previsões estavam certas. O que sucedera com o gueto de Varsóvia, aconteceu com a cidade inteira: que foi destruída completamente, queimada e arrasada. Os alemães que viram nossa capital naquele estado pensavam que jamais seria reconstruída.

Fortuna variabilis, Deus mirabilis (A sorte é variável, Deus é admirável). Este provérbio realizou-se com relação a Varsóvia.

Os selvagens invasores tiveram que fugir e foram derrotados enquanto que os perseguidos triunfaram e começaram a reconstruir sua capital, Varsóvia, que hoje é maior e mais formosa do que antes da Segunda Guerra Mundial.

No final de março de 1944, nosso transporte estava pronto para nos levar ao campo de concentração. Todos desejávamos ser destinados a Dachau, especialmente nós sacerdotes. Ninguém queria ir para Auschwitz (Oświę-

cim). Porém, ninguém sabia para onde seríamos levados.

Foi então que na noite de 27 para 28 de março, algemados, fomos tirados para fora da prisão e conduzidos a pé para a estação da via-férrea Varsóvia Ocidental — onde haviam sido preparados vagões de carga para os prisioneiros.

Em nosso transporte havia 555 pessoas. Em cada vagão cabiam de 50 a 60 prisioneiros. Ao entrar no vagão, cada um recebeu meio quilograma de pão. Os vagões foram imediatamente fechados. Ajudamo-nos mutuamente a desatar as cordas com que estávamos amarrados e cada um buscou um lugar para poder sentar-se e descansar.

Chegada a noite, todos tentavam acalmar os nervos dormindo, deixando para o próximo dia as conjecturas sobre o lugar para onde estávamos sendo levados.

GROSS-ROSEN: O CAMPO DA MORTE

Ao despertarmos na manhã seguinte, notamos que o trem havia parado numa pequena estação, para todos, desconhecida: Gross-Rosen. Ninguém sabia dizer em que parte da Alemanha estávamos e ninguém esperava que precisamente Gross-Rosen fosse o ponto final de nossa viagem. Surpreendemo-nos, portanto, quando repentinamente, os alemães começaram a abrir todos os vagões e recebemos or-

dens para descer.

Caía neve e toda a terra estava coberta com um lençol branco. Ao mesmo tempo, apareceu na estação um grande destacamento de soldados armados, das formações SS (Schutz Staffel, ou Destacamento de Defesa). Era de ver como nos olhavam com ódio e desprezo, afinal, haviam sido bem escolhidos e instruídos para maltratar os prisioneiros, sem compaixão e sem misericórdia.

Rodeados por esses soldados, iniciamos nossa caminhada. Era uma triste procissão rumo ao Calvário. Muitos desses prisioneiros jamais retornariam à sua pátria, porque ficariam queimados nas fornalhas do crematório de Gross-Rosen.

Ao prosseguir nosso caminho, de vez em quando, nas encruzilhadas, podíamos ler: *Breslaw... Liegnitz... Waldenburg*, donde deduzimos estarmos na Silésia Inferior, perto de nossa pátria, Polônia.

Ao final da longa caminhada, me deparei pela primeira vez com a perspectiva de um grande campo de concentração, em seu aspecto típico, severo, real e, como cheguei a saber depois, lugar do martírio de milhares e milhares de prisioneiros de várias nações da Europa.

Para compreender bem e com todo o realismo o que era o campo de concentração de Gross-Rosen, seria necessário ver, com seus próprios olhos, e devo reconhecer que, eu mesmo, até aquele momento não imaginava o que

seria aquele lugar.

Nossa escolta conduziu-nos até o portão do campo de concentração, onde já nos esperava o comandante do campo com seus numerosos auxiliares. Dividiam-se eles em dois grupos diferentes: soldados da SS e os chamados "capo". Estes últimos eram prisioneiros, assim como nós, porém, de caráter especial. Geralmente eram elementos criminosos e ladrões profissionais, condenados pela lei civil da Alemanha. Para conservar a disciplina férrea entre os prisioneiros, fora-lhes dado o poder de maltratar, bater e até matar os prisioneiros para eles designados nos trabalhos e nos barracões refeitório-dormitório.

Esses homens degenerados, sádicos e ladrões foram os piores carrascos de todos os campos de concentração.

Os soldados da SS inspecionavam a todos de madrugada, ao meio-dia, e à noite, preocupados e absortos principalmente na exatidão numérica dos prisioneiros.

Também entre militares havia sádicos e cruéis que aproveitavam sua posição para manifestar seu ódio e desprezo, castigando sem misericórdia os judeus, os nossos e os poloneses. Se algum prisioneiro caía ao solo derrubado por golpes e pontapés, por cansaço ou fraqueza, levava vários outros golpes com chicotes ou bastão. Apesar de tão bárbaro trato, ninguém ousava reagir, sabendo que acabaria no crematório no mesmo dia.

Agora, vou descrever, brevemente, a

acolhida preparada para nós e executada com todo o entusiasmo:

Formados em coluna de marcha, eram cinco prisioneiros para cada fila, o que facilitava a contagem, atravessamos pela primeira vez as ruas do campo de concentração, em alemão chamado eufemisticamente *Schuhfänger* (Acampamento de proteção preventiva sobre os prisioneiros), ou *Arbeiter-ziehungslager* (Instituto educativo para o trabalho), observando os numerosos prisioneiros ocupados em vários trabalhos: limpavam a neve das ruas, carregavam pedras e outros materiais de construção, bem assistidos pelos numerosos "educadores" com seus chicotes nas mãos.

Lembro-me daqueles rostos emagrecidos dos prisioneiros que de longe nos pediam um pedaço de pão; lembro-me das cenas dos castigos cruéis e bárbaros.

Sobre a neve branca vi manchas de sangue recém-derramado. Ouvi por todas as partes terríveis maldições daqueles "capos", "educadores" - carrascos; vi prisioneiros que depois de caírem não tinham mais força para se levantar.

Tão impressionado e horrorizado fiquei com tais cenas que, sem querer, deixei cair o pão que tinha sob o braço esquerdo. Para apanhá-lo, fiquei alguns segundos atrás de meus companheiros. Naquele mesmo momento ouvi um berro:

— *Haiti, haiti* (Pare, pare).

Mas eu desobedeci. Não parei e cor-

rendo entrei na minha fileira. Pouco depois, pesados passos militares soaram atrás de mim e, de repente, alguém bateu com força em minha cara e gritou com raiva:

— *Wenn ich sage hait, haiti* (Quando eu digo pare, pare!). Era um dos chefes militares colaboradores do comandante do campo, que desta forma bondosa me dava as "boas-vindas", fazia um convite para eu aprender a obedecer, e, ao mesmo tempo, manifestava seu poder sem limites sobre nós.

Posteriormente, alguns velhos prisioneiros disseram-me que eu tivera sorte excepcional, pois normalmente, como qualquer prisioneiro que se envolvia com Drozdowski, comandante do quartelão, que se distinguiu dos demais criminosos fardados, por especial ódio aos poloneses, eu poderia no mesmo dia ter sido enviado aos fornos do crematório.

Depois da guerra, esse tal Drozdowski foi achado na cidade de Hamburgo, reconhecido pelos prisioneiros do campo de concentração de Gross-Rosen e, condenado pelo Tribunal dos Aliados, em 1948, foi executado, pagando com a vida os seus tantos crimes.

Mas, voltemos ao relato de como fomos recebidos e tratados naquele primeiro dia de nossa chegada a Gross-Rosen.

Meia hora depois já estávamos reunidos num grande salão e entregues a um numeroso grupo de "capos" armados com bastões e chicotes. Desvai-

radamente se lançaram sobre nós, batendo em todos os que estivessem ao alcance. Os gritos de dor misturavam-se com as maldições e gargalhadas selvagens daqueles carrascos criminosos.

Ordenaram depois que cada prisioneiro entregasse todos os alimentos que possuísse. Resignados, entregamos os nossos últimos pedaços de pão.

De repente, de longe ouviu-se uma voz enérgica:

— *Achtung! Mutzen ab!* (Atenção! Tirem os bonés!).

Fez-se silêncio profundo e no salão entrou o comandante do campo de concentração, acompanhado por muitos outros subalternos.

Ele recebera de Varsóvia, junto com a lista nominal dos prisioneiros, uma descrição de todos, feita pela Gestapo (*Geheime Staatspolizei* - polícia secreta estadual de Hitler), resumida nestas palavras: "Sacerdotes, intelectuais e guerrilheiros poloneses".

O comandante queria ver mais de perto os sacerdotes, por isso ordenou que se apresentassem frente a ele.

Então, apresentamo-nos todos, vestidos de batina, e nossos superiores religiosos se destacaram, ficando mais perto do comandante. Eram o padre João Rzymelka, superior dos Missionários de São Vicente de Paulo (lazaristas), e padre João Pykosz, superior dos Salesianos.

O comandante, para demonstrar sua autoridade, esbofeteou a ambos sem compaixão e, com desprezo, disse a to-

dos nós:

— Agora, só eu sou superior de vocês. Só a mim, devem prestar obediência.

Tendo dito tais palavras com acento de superioridade, ódio e desprezo, ordenou ao padre João Pykosz, nosso superior, que fosse às latrinas imundas e as lavassem só com as mãos, sem usar os trapos.

Deste modo, o comandante queria humilhar todos os sacerdotes e manifestar seu ódio e vingança contra a Igreja e a Religião.

ESQUEÇAM O PRÓPRIO NOME

Todos os prisioneiros ficaram sujeitos, sem exceção, às normas rotineiras do campo. Fomos revistados individualmente, um a um, sem pressa, passamos pela ducha aproveitada pelos "senhores" de nossas vidas para distribuir novos insultos e pancadas. Lançavam os jatos de água fria como gelo, ou quase fervente, sobre os prisioneiros debaixo dos chuveiros, castigando aqueles que se afastavam para evitar as queimaduras.

Se alguém tinha no peito correntinhas com medalhas de santo, ou terços, arrancavam e as jogavam fora, um prisioneiro que escondeu a medalha na boca, foi cruelmente esbofetado até cuspir a medalha com o sangue. Quando se inclinou para apanhar a imagem no chão, recebeu alguns pontapés. Aquele heroico prisioneiro falando depois com seus colegas, disse:

"Era lembrança de minha mãe, para reconquistá-la valeu a pena sofrer um pouco".

Depois fomos registrados, recebemos os uniformes de prisioneiros, para impossibilitar as futuras fugas do campo; recebemos um número, com a observação de que, se alguém o esquecesse, seria castigado severamente e privado de alimento.

Eu recebi o número 23.867. O número tinha de ser falado em alemão, em voz alta e claramente. Prisioneiro chamado por seu número, que não respondesse imediatamente, recebia novos castigos. Havia muitos que não entendiam alemão.

Recordo-me bem do que nos diziam no princípio:

— Aqui, vocês vão se esquecer até do que eram antes. Aqui, não há nem sacerdotes, nem professores, nem doutores, nem soldados: vão se esquecer até do próprio nome. Cada um de vocês agora são somente um número e se o esquecerem morrerão, pois, não receberão alimento. Tem de trabalhar, e só com o preço do trabalho reconquistarão algum dia a liberdade. E, ao dizer essas palavras mencionando ironicamente a liberdade, apontavam com o dedo chaminé do crematório.

Esses novos "senhores" de nossas vidas tratavam-nos com a máxima severidade, com ódio e desprezo. Sua missão era instruir-nos, em meio a insultos, ameaças e golpes, sobre o regulamento do campo: o que deveríamos

fazer, o que evitar, qual devia ser nosso procedimento correto diante de um militar SS, como saudá-lo. Advertiam-nos sobre como seríamos castigados se transgredíssemos as normas previstas. Ditavam como deveríamos nos lavar, como arrumar nossas camas, controlar nossas roupas, para que nelas não houvesse pulgas ou, pior, piolhos. Na parede estava escrita a advertência:

— *Eine Laus, ciem Tod* (Um piolho, tua morte).

Foi explicado também como e quando poderíamos escrever para os nossos familiares, sempre em alemão e sempre para o mesmo endereço.

Se algum prisioneiro dizia que não entendia alemão, o "capo", agitando o bastão no ar, respondia que o faria entender rapidamente com a ajuda daquele interprete.

Nunca em minha vida ouvi tantas barbaridades e asneiras, tantas maldições e expressões obscenas, arrogantes e desavergonhadas como naqueles dias.

Todas as nossas tentativas de pedir com delicadeza que esses palavrões não fossem usados, despertavam a reação contrária: novos insultos e novas recriminações. Os dirigentes do campo de concentração não consideravam nem a idade, nem a dignidade dos prisioneiros. Ao contrário, aqueles que possuíam maior cultura e educação eram expostos ao pior tratamento e humilhações, especialmente na hora de distribuir a comida, de lavar-se e usar o banheiro.

Ai daquele que se atrevia a reclamar e censurar os abusos clamorosos, era imediatamente repreendido com aspereza, ridicularizado e ameaçado com a morte.

Havia casos em que, durante a noite, os bandidos enforcavam tais prisioneiros e no dia seguinte, denunciavam que eles tinham se suicidado. Em cada momento do dia e da noite, sentíamos nossa dependência daqueles elementos criminosos e degenerados, que em circunstâncias normais estariam encerrados em prisões e hospitais a vida inteira. Eram prisioneiros como nós, mas foram investidos com certo poder de guiar-nos, distribuir comida, roupa, vestido e sapatos. Também vigiavam-nos e exigiam que trabalhássemos arduamente. Eles eram a causa de todos os sofrimentos físicos e morais dos prisioneiros.

O trabalho excessivo, a alimentação insuficiente, a falta de repouso acabavam minando toda a esperança dos presos. A gente se desesperava, caía em depressão e esgotamento nervoso, desejava ansiosamente morrer para não sofrer mais.

Nós, sacerdotes, começamos a exortar os companheiros a terem confiança na Divina Misericórdia. Entre os pacotes de alimentos que nos mandavam os amigos e as famílias, vinham também algumas estampas com a novena e consagração a Jesus Misericordioso. Rezávamos em grupos de duas ou três pessoas, sempre às escondidas, pois era absolutamente proibido rezar.

Um dos prisioneiros, Antônio Kowski, jovem polonês que viera de Cracóvia, artista de teatro, teve uma crise muito forte devida aos sofrimentos experimentados. Triste e nervoso, manifestou seu desejo de conversar comigo, sabendo que eu era sacerdote. Confessou que no dia seguinte iria acabar com a vida, eletrocutando-se nos fios de alta tensão que rodeavam por toda parte, o nosso campo.

Com calma, perguntei-lhe:

— Antônio, sua mãe ainda vive?

— Sim, vive, sofre, chora e reza, pedindo a Deus por mim.

— Você ama sua mãe?

— Muito e por isso sofro mais, não podendo vê-la.

— Então você quer, com sua impaciência e desespero, destruir sua vida e a eficácia da oração de sua mãe? Jesus Misericordioso quer e pode nos dar a liberdade e a felicidade de ver nossas mães. Eu também desejo ver minha mãe. Ela também reza por mim todos os dias.

Essas poucas palavras foram suficientes para equilibrar o estado da alma de Antônio. Ele preparou-se para a confissão, dei-lhe a absolvição, e juntos rezamos, dizendo várias vezes com fé: *"Jesus, eu confio em vós"*.

Muitos dias depois, quando eu estava triste e desanimado, Antônio Kowski, observando-me, disse:

— Padre Ladisiau, você me ensinou o caminho de viver alegre e feliz. Agora, eu o convido a rezar a Jesus para que nos

conceda as graças de que precisamos.

Eu também, depois dessa oração com Antônio, reconquistei a calma e o otimismo, depositando em Deus toda a minha confiança.

E, assim, realizavam-se as palavras de Jesus: "Porque onde se acham dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles" (Mt 18,20).

"VOCÊ É APENAS UM NÚMERO"

Nas prisões e nos campos de concentração, os sacerdotes tiveram numerosas oportunidades de conhecer melhor o que o leigo pensa e diz da nossa vocação, dignidade e missão. Um ajudante de "capo" perguntou-me certa vez, com ar de superioridade e desprezo visível, em que parte da Polônia eu morava. Respondi-lhe com calma que morava em várias cidades, ora em uma, ora em outra. Ele, pensando que eu fosse um vagabundo e ladrão, sem domicílio fixo, disse-me que eu não deveria ter vergonha disso, pois ele também fizera o mesmo em toda a sua vida, para não cair nas mãos da justiça.

Então, um prisioneiro que já me conhecia, ouvindo o que ele me dissera, explicou-lhe que, na verdade, eu não era um vagabundo, mas sacerdote católico, que, por obediência, deve trabalhar ora numa cidade, ora em outra.

Um outro ladrão profissional, ouvindo essas palavras, disse cheio de despeito:

- Meu pai me deu um bom conselho

para toda a minha vida: evitar sempre três tipos de pessoa que começam com a letra "P": padres, policiais e prostitutas. Padres, porque não permitem roubar; policiais, porque te levam ao xadrez; e prostitutas, porque te levam ao hospital.

Por algum tempo, trabalhei nas pedreiras onde havia muitos alemães que nos vigiavam continuamente e que aceleravam o ritmo do trabalho usando os chicotes. Tínhamos os olhos sempre irritados por causa do pó das pedras britadas e as mãos, ensanguentadas pelas arestas das pedras, despedaçadas pela dinamite.

Mal alimentados e deixados sem atenção médica, cada dia tínhamos menos forças para trabalhar e por isso cada vez mais os alemães tinham ocasião para nos castigar.

Vocês são piores que os animais — diziam os alemães — porque os animais, alimentados e tratados desse modo, acabariam morrendo depois de três semanas.

Algum tempo depois, graças à intervenção de pessoas conhecidas e influentes, principalmente do padre Floriano Kaszubowski, funcionário da secretaria no campo de concentração, fui transferido para outro setor de trabalho, para fazer blocos de cimento (Betons-teinekommando).

Considero isso como um sinal da misericórdia divina, porque nesse novo lugar de trabalho eu fiquei com todos os outros salesianos e missionários

de São Vicente de Paulo. Precisamente para ser efetuada e anotada minha transferência, fui chamado por um mensageiro até a secretaria da pedreira, de onde minha ficha seria retirada e transferida ao novo comando.

O mensageiro era um jovem polonês, arrogante e orgulhoso de sua missão. Abusando de sua competência, deteve-me no meio do caminho e perguntou:

— Velho, o que você era quando livre?

— Eu era o mesmo que sou hoje — respondi-lhe. Surpreendido com minha resposta, o jovem mensageiro polonês desferiu-me uma bofetada, perguntando outra vez com ira:

— Que profissão você tinha, antes de ser feito prisioneiro? Respondi-lhe novamente da mesma maneira:

— A mesma de hoje.

Ele esbofeteou-me outra vez e com maior força. Então, perguntei-lhe por que eu estava apanhando, já que estava dizendo a verdade.

— Porque você fala disparates. Porque você é insolente e arrogante em suas respostas.

— Antes de ser prisioneiro eu era sacerdote e agora também o sou — disse-lhe com calma.

O mensageiro ficou visivelmente perplexo, surpreendido e um tanto envergonhado. Por algum tempo, permaneceu em silêncio, depois falou mais pacificamente:

— Se você não mentisse, eu não teria batido em você. Outrora, você usava

batina porque era sacerdote. Agora veste-se como um prisioneiro, é um número e nada mais. Outrora você tinha sua paróquia onde trabalhava como Vigário, agora trabalha numa pe-dreira.

Eu lhe respondi:

— Embora sem ser Vigário de uma paróquia e sem usar batina, eu sou sempre sacerdote, porque também aqui posso cumprir minha missão: consolar, compreender, perdoar e preparar para a vida melhor todos aqueles que gostariam de falar comigo como sacerdote. Isto é o mais essencial na minha vocação.

Não havia mais tempo para continuar o diálogo, porque pouco depois chegávamos à entrada da secretaria.

O mensageiro polonês havia cumprido sua missão e eu a minha. Ensinar a quem não sabe é uma obra de caridade e misericórdia. Perdoar as ofensas não é difícil para quem sabe que também foi perdoado muitas vezes.

COBAIAS DO NAZISMO

"Esperei no Senhor com toda a confiança, e Ele se inclinou para mim e ouviu meu grito!" (Sl 39,1). Como testemunha viva dos males da guerra, não posso senão, com fé e gratidão, repetir essas palavras do salmo, tantas vezes, quantas recolho no coração e na memória os acontecimentos mais dolorosos, pois cada um deles poderia ter-me levado à morte.

Havia em nosso campo de concentração de Gross-Rosen alguns pavilhões destinados aos doentes graves e um deles servia exclusivamente para os prisioneiros com doenças contagiosas: tracoma e tuberculose.

Para alguns doentes, ser recebido naquele pavilhão ou enfermaria, era uma grande sorte, pois, por algum tempo pelo menos, não precisavam trabalhar e poderiam economizar suas forças. Para a maioria dos doentes era a antessala do crematório. Muitos presos eram levados ainda vivos aos fornos, onde recebiam uma injeção mortífera, geralmente de fenol ou benzina.

Apesar daquela triste perspectiva, não faltavam candidatos aos pavilhões da morte. Os prisioneiros que se apresentassem à enfermaria com saúde aparentemente boa, retornavam ao seu bloco, após serem massacrados sem piedade por um degenerado "capo" alemão, bandido profissional em toda a extensão da palavra.

Cheguei a planejar minha entrada no pavilhão dos doentes para oferecer serviços de enfermagem e assim ter a oportunidade de consolá-los, prepará-los para a confissão e rezar com eles. Não logrei, porém, realizar esse plano porque o médico alemão, quando soube da minha profissão, disse-me que tinham preferência os estudantes de medicina.

Quando me foi negada a autorização para lá trabalhar legalmente como enfermeiro, imaginei um jeito de me

fazer passar por doente de tracoma. Era coisa muito arriscada, por certo, porque se fosse descoberto o truque, infalivelmente eu iria acabar no forno do crematório.

Meus olhos estavam um tanto irritados por causa do pó das pedreiras. Para aumentar mais a irritação, conseqüei um pouco de sal e coloquei-o nas pálpebras. A dor, naturalmente, era muito forte, acompanhada de copiosas lágrimas.

Nesse estado cheguei, com outros numerosos doentes, à sala de recepção. O "capo" da enfermaria colocou os doentes em duas filas, para facilitar aos médicos e enfermeiros suas tarefas. Os médicos faziam os diagnósticos e os enfermeiros depois de anotar o número de cada enfermo, repartiam-nos pelos respectivos pavilhões, mas a cada momento o trabalho era interrompido pelo "capo", que repartia pauladas fortes e cruéis entre aqueles doentes, machucando cabeças, braços, ombros e pés, a gritar como um louco:

— Com este remédio curei muitos doentes, devolvendo-lhes as forças para voltar ao trabalho.

Vi com horror e indignação quando aquele carrasco sádico se aproximou de um enfermo, amparado por dois amigos para não cair no chão. Com fúria e ódio o alemão esboroou-lhe a cabeça, atirou-o ao solo e começou a chutá-lo e pisoteá-lo sem compaixão. O pobre coitado engatinhou instintivamente em direção da porta e, contor-

cendo-se e gemendo, não fazia mais que repetir as mesmas palavras:

— *Lá ochen bainói... lá ochen bainói* (Estou muito doente). Falou em língua russa. Era um pobre jovem russo, que tinha a oportunidade de conhecer a cultura de um homem degenerado, que, agindo com tanta ferocidade, só atraía vergonha e infâmia sobre a nação a que pertencia.

— Enquanto aquela víbora, revestida de poder sem limites, maltratava dessa maneira um pobre russo doente, brandindo no ar o bordão e a gritar como um louco, eu pensava como poderia fugir de lá... Mas isso era para mim impossível, porque haviam atrás, muitos outros doentes que me empurravam mais para a frente. Aí, ao ver entre os médicos o doutor Zbyszek, jovem estudante de medicina, aproximei-me dele rapidamente e lhe disse:

— Doutor Zbyszek, ajude-me. Sou sacerdote polonês de Varsóvia.

Mal pronunciei essas palavras, aproximou-se de nós aquele alemão cruel, "capo" dos pavilhões para os doentes, parecia um demônio encarnado, pronto para me arrebatar a alma. Mas quando o doutor Zbyszek examinou meus olhos — e eu mentalmente rezava "Jesus, eu confio em vós" — o "capo", sem dizer uma só palavra, concordou em colocar-me na fila dos doentes selecionados para receber atenção no hospital, porque o doutor Zbyszek declarava que eu precisava realmente de cuidado especial, possível só no pavi-

lhão de tracomatosos (número cinco).

O pavilhão cinco, para as doenças contagiosas, era separado do resto do campo de concentração por uma cerca de arame farpado. Com os doentes podia-se falar somente de longe.

Entre os doentes corria o boato de que os médicos utilizavam os prisioneiros como cobaias, experimentando remédios novos. O fato é que um dia eu também fui obrigado a ingerir uma grande quantidade dos comprimidos chamados "albucid". Depois de engolir todos e tomar água, senti-me muito fraco. Meu coração batia com o ritmo diminuído e parecia que eu ia desmaiar. Por alguns dias, fiquei completamente cego. De meus olhos, escorria pus abundantemente e os enfermeiros tiveram que enfaixar minha cabeça com ataduras de papel. Sentia violenta dor de cabeça, falta de apetite, desejando apenas água, a qual havia sido proibida aos doentes, pois causava tifo.

Um jovem russo, que chamávamos de Újbek, trazia-me clandestinamente água, eu retribuía-lhe essa caridade, dando-lhe minha porção de pão e sopa. Essa recompensa, sem dúvida, era insignificante, pois se Újbek fosse apanhado em flagrante pelo enfermeiro, poderia ser castigado brutalmente e até perder a vida.

Perto de mim, na cama vizinha, havia um prisioneiro francês que, todos os dias, cantava o hino nacional da França. Dele, aprendi as palavras e a melodia que, até hoje, conservo na memória,

especialmente aquelas que despertam em todos os corações esperança, coragem e otimismo: *lê jour de gloire est arrivé...* (chegou o dia da glória...).

Depois de um mês, eu estava praticamente curado. Pensava que seria logo enviado ao meu trabalho. Porém, um dos médicos poloneses do pavilhão (Dr. Józef), sabendo que eu era sacerdote, ocultou-me no hospital por muito tempo, sob pretexto de que minha cura não havia sido efetuada por completo.

Nos dias de bom tempo, saíamos das salas para tomar sol e conversávamos tranquilamente, sentados no chão. Muitos, quando souberam de minha profissão, aproximavam-se de mim com toda a confiança, para receber o consolo de nossa religião. Alguns perguntavam sobre a possibilidade de liberdade, desejosos de saber minha opinião sobre quando terminaria a guerra. Eu apenas podia dizer-lhes que tivessem paciência, porque a guerra duraria ainda seis meses, mais ou menos.

Ouvindo-me falar assim, alguns ficavam desanimados, julgando que nesse caso, ninguém sobreviveria por tanto tempo. Explicava-lhes com paciência que consolar não é a mesma coisa que enganar e convidava-os a confiar no auxílio de Deus. Até os russos participavam daquelas conversas e queriam falar de Deus e de religião.

Um deles, já mencionado, Újbek, jovem soldado russo, contou-nos como fora aprisionado. Quando estava combatendo perto de Leningrado, foi

completamente abandonado por seus companheiros, então, escondido entre arbustos, rezou, invocando a Misericórdia de Deus. Disse-nos que, julgando estar próxima a sua morte, levantou os olhos ao céu e disse:

— *Bojesh ty moi, pamiluj* (Meu Deus, tende misericórdia de mim).

De repente atrás dele, alguém gritou em russo:

— *Ráqui wierg!* (Mãos para cima)

Újbek obedeceu e foi feito prisioneiro. Quando estava no campo de isolamento para soldados tentou fugir, foi surpreendido, recapturado e por castigo, enviado ao campo de concentração de Gross-Rosen. Outros russos, com frequência reunidos em grupos pequenos, relembavam aspectos positivos de sua vida na União Soviética: seu trabalho, alimentação, diversões, estudos, atividades culturais e profissionais desenvolvidas nas indústrias, nos colchozes (fazendas coletivas) e as aventuras durante a guerra.

Em algumas salas perto de nós, estavam os tuberculosos, cujo sinal de vida era a tosse seca, forte, intermitente. Apesar da doença, iludiam-se com a esperança de reconquistar a saúde e a liberdade. Visitá-los era arriscado, pois, o "capo" vigiava-nos constantemente. Os sacerdotes iam clandestinamente para levar-lhes as palavras de consolo, a oração, a confiança e a absolvição. Os outros prisioneiros iam também ao bloco dos tuberculosos, mas com outras intenções: para roubar o pão que os

doentes escondiam sob os travesseiros.

Eu queria ficar entre os doentes para sempre, mas não foi possível. Ao sair do hospital, agradeci ao Dr. Józef pelas atenções médicas, por haver prolongado minha permanência entre os doentes e pelo alimento mais abundante que recebi dele por tanto tempo. Ele me respondeu:

— Na Bíblia está escrito: "Dai, e vos será dado" (Lc 6,38). Agora, padre, reze por mim, para que Deus se compadeça de mim nos dias difíceis que ainda virão.

Realmente, os dias que se seguiram não só foram difíceis, foram horríveis, espantosos e tétricos: tivemos que deixar nosso campo de concentração, evacuados para outro pior, chamado Dora, fustigados pelos rigores do inverno, privados de alimento, de roupa e de cuidados médicos. A nossa única proteção seria a Providência Divina. Era nosso último recurso para não cairmos nas garras do desespero.

Todos os prisioneiros que, depois de sete dias, chegaram vivos a Dora, esgotados, esfomeados, macérrimos, reconheceram, assim como eu, que só pela Misericórdia Divina tinham sobrevivido.

Sim, foi Ele quem te livrou da rede do caçador

e da arma que mata.

E sob sua proteção te tomará, suas asas serão o teu refúgio:

a couraça e o escudo de sua verdade (Sl 90, 3-4).

Bem que precisávamos dessa proteção de Deus, para encarar o futuro

desconhecido, em Dora — fábricas subterrâneas para construir as famosas bombas da Alemanha, V-2, foguetes de longo alcance, construídos por Wernher von Brama e o general Walter Dornberger.

O “CINEMA” ALEMÃO

Chegara o momento mais difícil. Desde as margens do rio Oder, os russos começavam uma poderosa e bem preparada ofensiva para chegar, por fim, à meta desejada: Berlim, capital da Alemanha, onde se encontrava Adolf Hitler, dirigindo pessoalmente a defesa desesperada e sonhando ainda com a contraofensiva e a vitória.

Logo depois de sairmos do campo de concentração, fomos cercados pelos soldados SS, bem armados, que nos preveniram que seríamos fuzilados imediatamente, em caso de tentativa de fuga. Essa ameaça não era apenas cautela de rotina, pois em ambos os lados do caminho por onde passaríamos, havia sobre a neve cadáveres ensanguentados de prisioneiros que tinham tentado fugir e corpos dos que tombaram sem forças para caminhar.

Ao longe ouvíamos o troar da artilharia russa e alemã, sinfonia talvez agradável para se ouvir de longe, porém, para os envolvidos no fragor da tempestade, era a marcha fúnebre chorando a morte cruel e inevitável de soldados, de mulheres e crianças inocentes, era o arrasamento e o incên-

dio de cidades, de aldeias alemãs tão bonitas, de lugarejos pitorescos. Era a semeadura de milhares de cadáveres, espalhados por toda a parte.

Atravessando as ruas da pequena cidade de Gross-Rosen, vimos que ela também já fora evacuada. Impressionante o silêncio ali em contraste significativo com o canhoneio cada vez mais forte, que vinha se aproximando desde a cidade de Breslau.

Estávamos vestidos com roupas leves, inadequadas para suportar a temperatura de quinze graus abaixo de zero.

Quando chegamos, por fim, à estação ferroviária de Gross-Rosen, fomos colocados em vagões de transporte de carvão, onde ficamos quase submersos no pó negro. Para viajar um pouco mais à vontade, começamos a jogar o carvão fora.

Para cada vagão foram designados mais ou menos 80 prisioneiros e dois militares SS para vigilância. Olhando esses guardas, eu pensava: "Afinal, que diferença há entre eles e nós? Ao chegar a noite, eles correrão grande perigo de perder a vida no meio de 80 prisioneiros". Eles devem ter chegado à mesma conclusão, porque depois abandonaram o posto e foram para o vagão reservado aos militares, vigiando-nos de longe.

Não podíamos nos mover livremente, pois os vagões estavam superlotados. Felizes foram aqueles que se puderam sentar, apoiando-se nas paredes do vagão. As reações dos prisioneiros eram

variadas. Uns estavam contentes como crianças e, otimistas, tencionavam fugir na primeira oportunidade, aproveitando as trevas da noite e a despreocupação das sentinelas. Na primeira noite, porém, a fuga foi realmente impossível, pois éramos vigiados atentamente pelos militares que, a qualquer movimento suspeito, preparavam suas armas para disparar.

Os vagões não tinham teto e, a noite, a neve começou a cair sobre nossas cabeças. Os soldados que nos vigiavam protegiam-se com suas capas de chuva; os prisioneiros que haviam trazido seus cobertores, cobriam-se com eles, enquanto os demais tiravam o paletó para proteger a cabeça.

O único alimento que recebemos no início da viagem foi um pão de um quilograma. Se algum prisioneiro faminto comia-o todo, passava os demais dias sem qualquer alimento. Esses foram os primeiros que morreram, porque a viagem durou seis dias e seis noites.

Tínhamos ordem expressa de não levantar a cabeça quando chegássemos a qualquer estação. Pudemos ver cidades e estações destruídas pelos bombardeios da aviação dos Aliados. Assim transcorreram todos os dias e as noites. Ficávamos cada vez mais esgotados, mais esfomeados; todo dia alguém morria de fome, frio e fadiga.

Dentro de cada vagão aconteciam fatos tristes e repugnantes. Às vezes, os cadáveres ficavam conosco por muito tempo. Assim, cada vagão

era dormitório, banheiro e necrotério. Apesar de nossos vigias saírem com frequência para buscar água e alimentos para si, não podíamos fugir, pois, no primeiro e no último vagão haviam refletores e metralhadoras apontadas em nossa direção.

Finalmente, depois de seis dias, o trem parou numa estação pequena e desconhecida. Depois soubemos que estávamos próximos ao campo de concentração de Buchenwald. Estando o campo já superlotado, só uma parte dos prisioneiros ficou nessa estação. Nós, os restantes, fomos enviados a Dora, perto da cidade de Nordhausen.

Por fim, os nazistas abriram também os nossos vagões e ordenaram que saíssemos, para se organizarem as filas. Fiquei surpreso ao ver, desde a porta do meu vagão, que cada prisioneiro, após saltar do trem, caía no chão desmaiado ou sem força para levantar-se sozinho. Outros prisioneiros tinham que ajudá-los a se levantarem. O mesmo aconteceu comigo, caí ao solo como um pedaço de lenha, dominado de repente por profunda sonolência. Ouvi uma voz:

— *Aufstehen!* (Levante-se!).

Alguns colegas mais fortes ergueram-me, abri os olhos e recobrei a consciência. Os alemães formaram longas filas de prisioneiros. Quatro pessoas tinham que carregar um cadáver e deixá-lo diante do crematório. Posso afirmar que esse foi o cortejo fúnebre mais trágico visto por mim em toda

minha vida. Fomos levados ao bloco número 131. Fora outrora um salão de teatro, chamado também de "cinema". No palco do teatro morava o "capo" com seus ajudantes e lá, eram também guardadas as painéis para a distribuição de sopa. Tivemos que esperar muitas horas e, por fim, recebemos uma sopa insípida e um pedaço de pão. Depois, sentados no chão, ouvimos as informações referentes às nossas futuras atividades.

Durante os dois dias seguintes, enquanto aguardávamos para sermos registrados no novo arquivo, para recebermos um novo número de prisioneiros e sermos distribuídos nos vários lugares de trabalho, ficamos sentados no assoalho, muito apertados, sem possibilidade de nos levantar e andar, pois o bloco-teatro estava abarrotado até o último limite. Havia grande dificuldade até mesmo de se ir ao banheiro.

Cresceu o nervosismo entre nós, porque nem durante a noite nos permitiam dormir: as luzes ficavam acesas até o amanhecer, os prisioneiros gritavam, espancados por qualquer motivo pelos "capos" que, entrando ou saindo do bloco, berravam como loucos e repetiam as mesmas palavras, repartindo à toa pauladas e chicotadas.

Conservo tais cenas na memória até hoje. Ainda agora, depois de tantos anos, se alguém pronuncia perto de mim a palavra "cinema", pela associação das ideias renascem todas aquelas cenas horrorosas, vistas no bloco 131,

em Dora.

AOS CUIDADOS DA "CRUZ VERMELHA"

No campo de concentração de Gross-Rosen, meu número de prisioneiro era 23.867. Em Dora, me foi dado outro, sinal de que os alemães tinham feito desaparecer o arquivo de Gross-Rosen, para que o mundo não soubesse quantos prisioneiros perderam lá sua vida. Aqui meu número é 112.481.

Quando preenchia minha ficha em Dora, um dos secretários do campo, tcheco-eslovaco, após perguntar meu nome completo, data de nascimento e profissão, escreveu a palavra *Beamter*, que significa "Funcionário". Imediatamente eu protestei dizendo:

— Por favor, eu lhe disse que sou um sacerdote católico.

O secretário nem se dignou em responder a minha reclamação, chamando logo outro prisioneiro, mas eu não me retirei, exigindo que retificasse a palavra "funcionário" e escrevesse "sacerdote", o que ele por fim fez, visivelmente zangado. Disse-me depois, muito irritado e com desprezo, que eu assinara minha própria sentença de morte, pois, em Dora, os primeiros a irem para o crematório seriam os judeus e os sacerdotes da Polônia. Respondi-lhe com calma que, se eu morresse em Dora, gostaria que soubessem que morrera como sacerdote e não como funcionário.

Não havia tempo para dialogar mais, o secretário encerrou nossa conversa ridicularizando-me:

— Idealista... herói... mártir... Muito depressa perderás a coragem, quando vires os túneis de Dora e a chaminé do crematório.

Tive que reconhecer logo que ele não exagerara. Poucos dias depois, realmente, eu vi queimarem cadáveres de prisioneiros como lenha, no pátio do campo, pois os crematórios, trabalhando dia e noite, não conseguiam queimar todos os mortos. O secretário tinha razão. Desde o dia 12 de fevereiro de 1945, até 19 de março (festa de São José, padroeiro da boa morte), todos os dias e todas as noites, estive a um passo da morte, contudo, por instinto de conservação eu fugia de suas garras, com a vontade firme de viver um dia mais, uma hora mais.

Nos túneis de Dora, os prisioneiros trabalhavam divididos em três turmas de operários, de modo que o trabalho continuava sem interrupção, na fabricação das famosas bombas V-1 e V-2. Gastávamos então nossas últimas energias, num esforço sobre-humano para nos livrar do desespero.

Fui designado para a turma que trabalhava durante toda a noite, esgotado, apenas tinha força para voltar ao meu bloco, comer duas ou três batatas, um pedaço de pão e depois deitar-me para dormir. Enfraquecido pelo trabalho pesado, pela fome e pelas bofetadas, a cada dia me sentia mais fraco.

No comando Sawatzki, eu trabalhava a noite inteira lixando grandes chapas de aço, para lhes eliminar toda a ferrugem ao redor. Às vezes, éramos convocados para descarregar vagões que traziam material bélico, que devia ser o mais depressa possível levado aos túneis. Em outras ocasiões, utilizávamos-nos para a remoção das máquinas pesadas de uma sala à outra. Numa de tais ocasiões, quando eu estava trabalhando no lugar designado, fui de repente chamado por um "capo" criminoso, que, quando em liberdade, havia sido boxeador profissional. Aproximando-se de mim, desferiu-me, de improviso, dois socos no maxilar inferior, um de direita, outro de esquerda. Em consequência, sofri um hematoma e fortes dores de cabeça. Durante dois meses desde aquele dia eu não podia abrir a boca sem sentir sempre uma dor muito aguda. Essa dor persistiu até o dia da libertação e de minha chegada a Nordhausen, quando pude ser, por fim, convenientemente atendido e curado na clínica do Dr. Goldberg, por meio de radioterapia.

Alguém poderia perguntar por que não me apresentei ao hospital do campo de concentração de Dora, imediatamente depois de ser agredido tão brutalmente. Os prisioneiros mais antigos de Dora aconselhavam-nos a permanecer o mais longe possível do hospital, pois lá os doentes encontravam a morte mais depressa, ao invés da cura esperada.

Seguindo essa orientação, não me apresentei ao hospital. Porém, pude suportar as dores e o cansaço só até o dia 19 de março, quando então me apresentei, num gesto de resignação à vontade de Deus e de pálida esperança, porque eu não queria morrer, nem sofrer. Desejava muito viver.

O desenvolvimento dos acontecimentos nas três próximas semanas, quando se decidiu a sorte de toda a Alemanha, de todos os prisioneiros e de todos os combatentes, foi para mim uma grande prova da Misericórdia Divina. "Se o Senhor não abreviasse esses dias, nenhuma vida se salvaria" (Mc 13,20).

Era o dia da Festa de São José, Patrono principal da Igreja Universal. Nesse dia eu me apresentei no hospital de Dora, porque já não podia suportar as dores e julgava estar "A um passo da morte". No hospital, haviam centenas de doentes em condições físicas piores que as minhas. Todos esperávamos durante horas e horas, para ser atendido pelos médicos e enfermeiros.

Em dado momento, alguns alemães do exército SS invadiram as salas de espera, corredores e consultórios médicos, dando aos enfermeiros e médicos uma ordem secreta e indiscutível. Estes, por sua vez, obedecendo à ordem recebida, começaram a dividir os doentes em grupos e a anotar seus números de registro. Eu também fui incluído em um dos grupos e sem ser examinado pelos médicos, fui levado para fora com os demais.

Logo depois, vimos uma longa fileira de caminhões que entravam no campo de concentração e paravam diante de nós. Um lampejo de esperança resplandeceu em nossos corações, quando correu entre nós a boa novidade de que, nesse mesmo dia seríamos entregues aos cuidados da Cruz Vermelha Internacional, para sermos levados a um lugar de repouso, onde seríamos curados e alimentados melhor.

Ninguém sabia quem difundira essa confortante notícia. Todos desejávamos embarcar nos caminhões o mais rápido possível.

Alguns prisioneiros estavam tão esgotados que não podiam, com as próprias forças, subir nos caminhões. Era necessário que os alemães os ajudassem, o que eles faziam atirando-os para dentro dos caminhões, como se atiram pedaços de lenha.

Essa maneira estranha de despachar os prisioneiros para pretensos cuidados da Cruz Vermelha Internacional, despertou em meu coração uma suspeita terrível de que seríamos levados a algum local distante, para sermos executados e queimados no crematório. Lembrei-me outra vez de festa de São José, Patrono da boa morte, que ocorria justamente nesse dia e, ocupando meu lugar no caminhão, comecei a preparar-me para morrer.

Nossa viagem ao lugar desconhecido durou apenas meia hora. Os alemães serviam-se de umas garagens do quartel militar desocupado, que transfor-

maram em campo de extermínio dos prisioneiros mais doentes e inúteis, que não podiam aguentar o ritmo implacável dos trabalhos em Dora. Esse novo campo se localizava no perímetro urbano da cidade de Nordhausen, chamado por todos Boelke Kaserne (Quartel Boelke).

Outra vez e com muito maior razão, devo repetir estas palavras de Jesus: "Se o Senhor não abreviasse esses dias, nenhuma vida se salvaria, mas por causa dos eleitos que escolheu, ele abreviou os dias" (Mc 13,20).

Naverdade, Deus abreviou bastante os dias de nossos sofrimentos nesse campo de extermínio, chamado Boelke Kaserne em Nordhausen (Harz). Hoje essa cidade pertence à Alemanha Oriental.

Ficamos aí não mais que duas semanas, depois chegou o dia da libertação (4 de abril de 1945), precedido pelo terrível bombardeio americano. Os prisioneiros que foram milagrosamente preservados da morte e dos ferimentos agradeceram a Deus pela salvação, ficaram lá para sempre, 1.278 cadáveres. Junto com os capelães militares americanos fiz-lhes a última recomendação, no dia do enterro à beira das covas comuns, cobertas com abundantes flores, trazidas pelos habitantes da cidade de Nordhausen.

"DEIXAI TODA ESPERANÇA..."

Se Dante Alighieri tivesse podido entrar e ver a situação em que nos

encontrávamos, nesse campo de exterminação, chamado "Boelke Kaserne" de Nordhausen, sobre os portões das garagens teria escrito as mesmas palavras colocadas sobre o portão do inferno: *Lasciate ogni speranza voi ch'entrate* (Deixai toda esperança que vós entraís aqui) — Divina Comédia, D. Alighieri.

Observando as coisas sob ângulo humano, não haveria outra solução senão abandonar todas as ilusões e esperanças e desejar a morte o mais rápido possível, tão espantosa era nossa situação naqueles dias. E nós, ingênuos, imaginando que a Cruz Vermelha Internacional nos viria resgatar, alimentar e curar todos os nossos sofrimentos! Na verdade, éramos tolamente crédulos, ao crermos naqueles homens e nos confortadores boatos que eles espalhavam entre nós, ao sairmos de Dora.

Felizes aqueles que não perderam a sua fé em Deus ou reconquistaram-na, convencidos que a nossa única e segura proteção está no nome do Senhor.

Aí também, como em Gross-Rosen e Dora, estávamos sob vigilância severa e incessante dos "capos", bandidos e criminosos que nos espancavam com frequência, sem nenhum motivo que pudesse justificar modo tão cruel de agir. Pela manhã, cada três prisioneiros, em vez de café, recebiam meio litro de água quente, numa velha lata de conservas. Muitas vezes, quem recebia a lata desaparecia entre os prisioneiros numerosos, tomando sozinho a água,

destinada para mais dois, e jogando fora a lata vazia.

Os outros dois prisioneiros ficavam jejuando até a hora do almoço.

Ao meio-dia, cada prisioneiro recebia um prato de sopa, tomada como os animais, pois não haviam colheres. Para jantar recebíamos, cada um, 150 gramas de pão.

Em Nordhausen, não fomos registrados, conservando os números recebidos em Dora, os quais deveriam ser escritos no peito e no antebraço esquerdo, com lápis especial, para se poder mais facilmente identificar o prisioneiro morto, que os alemães devolviam ao crematório de Dora.

Todos os dias, as garagens eram fechadas por grandes portas de ferro. Duas vezes ao dia, todos os prisioneiros, mesmo os mais doentes, eram obrigados a saírem para o pátio, para serem recontados. Do lado oposto às portas, eram guardados agasalhos, roupas velhas e utensílios de cozinha: caldeirões e conchas, defendidos por uma resistente tela metálica. Lá dormiam muito mais comodamente do que nós os "capos", enquanto dormíamos no chão de cimento.

Com grande alegria recebemos, certo dia, o aviso de que íamos poder tomar uma ducha. Pensávamos que seríamos levados em grupos, à cidade onde havia banho e piscina. No entanto, a ducha de nosso campo de extermínio era especial, para acelerar a hora de nossa morte. Os "capos" esvaziaram metade

da garagem que ocupávamos, apertando-nos contra as paredes; para conseguí-lo mais depressa, lançavam-se sobre nós de bastão em punho. Depois, formaram um cordão de isolamento no centro da garagem, impedindo cuidadosamente que alguém ocupasse a parte esvaziada sem tomar a ducha. Obrigaram-nos a tirar toda a roupa e quando todos já estávamos, foi trazido um tanque de água fria, uma bomba e uma mangueira. Aí, cada prisioneiro teve de aproximar-se do tanque, com as roupas nas mãos, para receber um jato de água muito fria sobre o corpo e sobre as roupas, pelo espaço de tempo indispensável para se dar uma volta completa de 360 graus.

Após tão improvisada ducha, o prisioneiro poderia passar para o outro lado da garagem, onde deveria vestir-se com as roupas encharcadas. Os "capos" divertiram-se muito com esse tipo de banho. Tinham especial predileção pelos mais velhos e mais doentes, que, por seu estado de saúde, manifestavam naturalmente maior medo de água fria. Se alguém tentava fugir da ducha, era agarrado e detido por mais tempo que os outros, recebendo jatos de água mais abundantes.

As consequências desse tratamento desumano foi visível no dia seguinte. Havia um número maior de doentes resfriados e com pneumonia. Ficaram deitados no chão com tênues sinais de vida e sem saber o que acontecia ao redor. Durante a noite seguinte, a morte

aliviou para sempre seus sofrimentos.

Em outra ocasião, nossas roupas foram levadas para serem desinfetadas, eliminando piolhos e pulgas pelo calor muito elevado dos fornos, nós tivemos que ficar nus, por muito tempo, expostos ao frio severíssimo daquele dia.

Nossas roupas não eram marcadas, de modo que as melhores peças eram apanhadas pelos prisioneiros mais fortes e mais espertos. Eles atiravam as piores peças no chão, que depois eram necessariamente utilizadas pelos mais fracos. Por causa das roupas, surgiram naturalmente várias brigas entre os prisioneiros e os "capos" tinham nova oportunidade para castigá-los. Como sempre, os mais fracos, os mais doentes e menos culpados recebiam os golpes mais duros.

Ao chegar a noite, os prisioneiros especialmente encarregados para esse trabalho, distribuíam igualmente no chão uma camada de palha. Alguns prisioneiros egoístas e sem escrúpulos, apenas ouviam o sinal para se deitarem, amontoavam a palha para si, de modo que muitos outros se deitavam e dormiam a noite inteira, sobre o piso frio de cimento. Nem todos se conformavam com tal injustiça. Vinham, então, novas brigas até que o "capo" caía sobre aqueles que ficavam em pé, distribuindo pancadas e gritando: *Hinlegen!* (Deitados!).

Não podendo ficar em pé, por medo de novos castigos, os prisioneiros arrastavam-se por toda a garagem,

como répteis, a procura de um lugar mais cômodo.

Certa vez, após eu ter, enfim, encontrado um lugar tranquilo, ouvi a ameaça: "Vá embora ou esta noite será estrangulado". De fato, todas as manhãs, encontrávamos ao nos levantarmos, alguns cadáveres quase nus e estrangulados. Os prisioneiros-hienas roubavam, durante a noite, paletós e calças dos mais doentes e moribundos. Ouvindo tal advertência, procurei outro lugar, perto dos poloneses conhecidos, onde podíamos conversar antes de dormir e rezar o terço.

Uma noite, alguns dias antes de tremendo bombardeio da cidade de Nordhausen, e do nosso campo pelos aviões americanos, aconteceu algo extraordinário: nossa garagem transformou-se em sala de concerto. Após termos sido, como sempre arrumados para dormir, e ouvidas, por alguns minutos as brigas lamentáveis, as maldições, as queixas e ameaças, vimos de repente levantar-se um prisioneiro, que com voz forte, vibrante, melodiosa e cheia de sentimento começou a cantar em italiano:

— *Mamma sono tanto felice, perchè ritorno da te...*

Um profundo silêncio dominou toda a garagem. A canção, embora cantada em italiano, era entendida por todos, porque pela palavra "mamma", repetida algumas vezes, sabíamos a quem era dirigida e dedicada. Eu creio que todos os prisioneiros durante o canto,

pensaram a mesma coisa: pensaram em sua própria mãe e dirigiram-lhe, mentalmente, saudações de amor filial e uma despedida triste, bem sabendo em que situação se encontravam. Esse cantor italiano concentrou nossos pensamentos em torno de uma pessoa para todos, tão querida, da qual havíamos sido separados brutalmente pelos acontecimentos da guerra.

Mesmo os "capos", bandidos e criminosos profissionais, que com sadismo nos castigavam sem motivo todos os dias, ouviram essa canção impressionados, com atenção, e nenhuma atitude foi tomada por eles para interromper o concerto improvisado.

Meu coração ficou também reanimado, porque me lembrei que minha mãe todos os dias, rezava por mim para corroborar minhas forças e me conservar a vontade de viver. Observando minha mãe, quando ela rezava, eu ficava sempre impressionado e edificado com sua piedade sincera, recolhimento e fé humilde. Eu gostaria agora de agradecer-lhe por esse exemplo de fé e oração que me ajudou muito a vencer todos os sofrimentos e conservar no meu coração o desejo de viver resignado e sempre disposto a realizar minhas tarefas de acordo com o plano de Deus.

Nos primeiros dias do mês de abril, comecei a sentir-me muito mal de saúde. Tinha dores de cabeça incessantes, estava resfriado e muito enfraquecido.

Em nosso campo de Boelke Kaserne, havia um enfermeiro que trabalhava

no andar de cima passava todos os dias pela garagem, quando ia à cozinha. Decidi falar com ele, na primeira oportunidade para pedir-lhe algum remédio e qualquer alimento, um pedaço de pão que fosse.

Naquele dia, quando ele se aproximou, eu, abrindo caminho por entre os prisioneiros com grande dificuldade disse-lhe:

— Sou sacerdote católico e estou muito doente. Você não teria um remédio para mim?

Ouvindo o meu pedido, respondeu:

— Sim, tenho para você um ótimo remédio.

Tirou do bolso uma caixinha redonda de metal, abriu-a. Pude então ver nela uma Hóstia branca. Esse enfermeiro era um sacerdote francês. Mostrando-me o conteúdo da caixinha, disse-me apontando com o indicador para o alto:

— Este é um remédio muito eficaz e precioso para você. Depositou depois um fragmento da Hóstia em minha mão esquerda, que fechei imediatamente. Feito isso, o sacerdote desapareceu. Como havia previsto, os prisioneiros que me cercavam, perguntaram curiosos, o que o enfermeiro havia me dado. Respondi ser um remédio e, devido à insistência deles, abri um pouco a mão, deixando que vissem a partícula da Hóstia Consagrada. Por um momento eles ficaram surpreendidos e perplexos. Esperavam ver uma porção de comprimidos, por isso um deles exclamou com menosprezo:

— Só isso? Essa coisinha de nada lhe servirá.

Eu, porém, como sacerdote, consciente de que em minha mão tinha o Corpo de Cristo, presente numa mínima parte da Hóstia Consagrada, disse-lhes com fé e firmeza:

— Este remédio pode curar todas as minhas doenças, acalmar minha fome e salvar minha vida.

Então, os prisioneiros olhando para mim com visível incredulidade e compaixão, como se olhassem para um homem anormal, que perdera o senso comum, afastaram-se de mim, deixando-me em paz, precisamente o que eu desejava. Rezei por alguns minutos, retirando-me para um lugar tranquilo, disse os atos de fé, esperança e caridade, rezei o ato de contrição e, em seguida, consumi a Hóstia, fazendo depois breve ação de graças. Foi a mais bela Comunhão Pascal de toda a minha vida. Era o maior e mais inesperado dom da Misericórdia de Deus, recebido no fundo da miséria e do desamparo extremo. Fortaleceu-me física e moralmente. Preparou-me para os dias seguintes, os mais terríveis e perigosos de toda a minha existência. Ajudou-me a suportar todos os perigos, deu-me calma suficiente durante os bombardeios da cidade de Nordhausen, e de nosso campo, no dia 4 de abril. Fez-me, por fim, chegar ileso ao dia de minha libertação definitiva, 12 de abril de 1945.

SOB O BOMBARDEIO DOS ALIADOS

No dia 4 de abril de 1945, estive não “A um passo da morte”, mas a um centímetro, porque a morte poderia atingir-me a qualquer momento e repentinamente, o que sucedeu com todos os meus companheiros ao redor de mim. Os estilhaços das bombas que explodiam por todo canto, voavam cortando braços e pés, perfurando cabeças de prisioneiros, especialmente daqueles que, dominados pelo pânico, corriam de um lado a outro, dando, porém, não mais que alguns passos, para caírem mortos instantaneamente, como que fulminados por um raio.

Eram nove horas da manhã, quando soaram os alarmes, anunciando o ataque aéreo dos aliados. Após poucos minutos, já podíamos escutar as primeiras explosões e, logo depois, ouvimos sobre nós o estrondo ensurdecido dos inumeráveis aviões de bombardeio e de caça. Era como o fragor de uma violenta tempestade com vento, raios e trovões. Os aviões lançavam a carga mortífera e sumiam tão rapidamente como apareciam, mas novas esquadrilhas chegavam depois de um breve intervalo, para incinerar com as bombas de fósforo o que já fora destruído pelas bombas de demolição, ou arrasar mais ainda o que escapara as bombas incendiárias.

Nossa garagem, construída solidamente em cimento armado, em pou-

cos minutos se converteu num monte de ruínas, num imenso cemitério.

Os prisioneiros que, em vez de deitar-se no chão, corriam desejando fugir da garagem, em frações de segundo eram atingidos e eram os primeiros a morrer.

Quando começou o bombardeio, eu me escondi atrás de um portão de ferro, julgando que assim teria proteção sólida e bastante segura. Porém, quando caíram, de repente, mais perto de nós, inúmeras bombas, o portão, que parecia tão forte e seguro, arrancado dos gonzos, ameaçou cair sobre mim. Eu, felizmente, consegui escapar uns segundos antes. Escondi-me depois atrás de um muro, entre dois aquecedores metálicos a vapor. Por algum tempo, permaneci de cócoras, mas por fim, deitei-me no chão entre outros prisioneiros vivos, feridos e mortos, repetindo a oração jaculatória: *“Jesus, eu confio em vós”!*

Súbito, perto de mim, estourou outra bomba. Devia ser de grande porte, de uma tonelada, porque a terra tremeu muito, como num terremoto, ruíram paredes e tetos. Depois, novas explosões violentas, o vento e a poeira, que cada vez mais dificultava a respiração...

Neste momento, ouvi um gemido estranho e... o prisioneiro que estava atrás de mim me rolou por cima. Espantado, virei a cabeça e vi uma cena de horror... O prisioneiro tinha o crânio rachado por um estilhaço de bomba. Da cabeça, o sangue quente, jorrando de en-volta com massa encefálica, corria em

abundância sobre os ombros e o pes-coço. Os olhos fechavam-se lentamente, anunciando sua morte implacável.

Dei ao pobre moribundo a última absolvição, sem me levantar e deixei que seu corpo ensopado de sangue, caísse sobre mim, pois se aproximavam continuamente novas formações de aviões com as cargas mortíferas: o corpo do morto poderia proteger-me contra os fragmentos das bombas que se rebe-tavam ao redor de mim. Abalou-se e tremeu a terra de novo.

Sem saber o que deveria fazer, sem ter força necessária para tomar uma decisão, invoquei o Senhor, resignado e convencido de que eu também logo morreria. Tudo parecia perdido...

Nesse momento, eu me lembrei das palavras do Senhor: *Eu salvarei, quando julgardes que tudo está perdido.*

Senti então despertarem minhas forças e a capacidade de refletir. O que seria melhor: ficar aqui entre os mortos, esperando meu fim, ou levantar-me e fugir?

Os aviões desapareceram. Naquele silêncio tão agradável depois de tantas explosões, estampidos e estrondos, naquela momentânea calma, era mais fácil tomar uma decisão adequada para encontrar e tomar medida mais eficaz de salvar minha vida. Julguei melhor tentar fugir, aproveitando esse intervalo, em vez de aguardar passivamente a morte inevitável naquela garagem des-troçada pelas bombas e cheia de cadá-veres tingidos de sangue.

Levantei-me resolutamente, saí e, depois de atravessar com cautela as cercas elétricas de alta tensão e arame farpado, que em vários lugares haviam tombado, corri, procurando afastar-me daquele lugar terrível e desgraçado o máximo possível, para ficar menos exposto aos próximos ataques aéreos. O ronco ameaçador dos aviões já se anunciava não muito longe da cidade de Nordhausen, incendiada e destruída pelas bombas.

Afastando-me, olhei uma vez mais para trás, observando o conjunto de nosso campo de extermínio, o Boelke Kaserne. Todos os edifícios de cimento armado estavam demolidos. A cidade inteira de Nordhausen estava envolvida pelo fogo e pela fumaça, de lá fugia uma multidão, com os poucos bens resgatados, era preponderante o número de mulheres, de crianças e velhos, porque a juventude e os homens maduros foram todos convocados para o serviço militar, ou já estavam internados como prisioneiros de guerra. Para transportar seus pertences, a multidão utilizava carrinhos de criança ou carrinhos de mão.

Quando já me tinha afastado aproximadamente um quilômetro da cidade, meu coração se encheu de alegria. Esse dia, o dia da morte de tantos prisioneiros, foi justamente o dia da minha libertação.

Feliz coincidência: também no dia 4 de abril, na Igreja de São Miguel, em Vilno (Polônia), pela primeira vez era coloca-

da a imagem de Jesus Misericordioso, para proteger a cidade e defender a todos dos perigos tremendos que se aproximavam do Oriente e do Ocidente.

A FUGA

A cidade de Nordhausen era como um grande formigueiro desmanchado pelos meninos travessos. Pelas estradas principais, o Exército Alemão batia em retirada. Pelos caminhos que conduziam às localidades menores, perto de Nordhausen, ia à população civil da Alemanha, e nós, prisioneiros estrangeiros de várias nações e trabalhadores civis livres. Andávamos pelos campos, procurando evitar o perigo iminente de sermos recapturados pelas tropas especiais do Exército Alemão, fanáticos defensores de Hitler, os SS (batalhões de assalto).

Observando os movimentos de longe, compreendi melhor que eu não estava livre de todos os perigos. Realmente, era um naufrago que abandonara o navio e estava prestes a submergir. Tinha fome e me sentia desorientado. Invejava os que podiam andar mais rapidamente e os que estavam com melhores roupas. Eu ainda estava vestido com o uniforme de prisioneiro do campo de concentração, sujo e com grandes manchas de sangue fresco. As pessoas, ao passar perto de mim, compadeciam-se e perguntavam onde eu me ferira tanto. Respondia a todos que eu não estava ferido. Então despertava

ainda maior compaixão reservada geralmente a gente que perdeu o juízo.

Entretanto, quanto mais me sentia abandonado pelos homens, com maior confiança pensava em Jesus. Numa poça de água, encontrei duas estampas perdidas por algum italiano, pois as orações eram em língua italiana. Numa delas, que representava a imagem de Jesus, estava escrito: *Sacro cuore di Gesu*. Na outra estampa, de Maria Virgem, lia-se: *Madonna dei soldati*.

Enxuguei-as com minha camisa. Olhando-as, parecia que Jesus e Maria me transmitiam uma mensagem. Jesus, que sofreu tanto e morreu na Cruz, mostra seu Coração, que nos amou tanto, para acalmar nossos temores e fortalecer nossa fé. E a Virgem Maria, Nossa Senhora dos Soldados, com seu exemplo nos ensina como devemos enfrentar as dores e os sofrimentos maiores de nossa vida. Contemplando essas duas imagens, cheguei à conclusão de que também tinha de suportar meus sofrimentos, não como uma criança que chora, mas como soldado de Cristo e filho de Maria.

Muitos trabalhadores estrangeiros, ao saírem da cidade de Nordhausen, invadiam as lojas semidestruídas pelas bombas, onde houvesse roupas e calçados novos. Fora da cidade trocavam de roupa, deixando por toda a parte, espalhadas, as velhas, mas ainda talvez em boas condições. Tais peças de roupa, jogadas fora, eram bem melhores que meu traje de prisioneiro. Procurei

e vesti: agora eu parecia não um prisioneiro, mas um simples operário. Era, portanto, difícil me reconhecerem como antigo preso do campo de concentração.

Na cidade de Leimbach, perto de Nordhausen, as autoridades alemãs improvisaram uma cozinha na praça, onde distribuíam sopa para os compatriotas refugiados. Escondi-me também entre a multidão, na esperança de receber alimento, graças ao meu conhecimento do idioma alemão.

Quando a sopa ia ser servida, apareceu um destacamento de jovens soldados SS de motocicleta, que se deteve na praça e na rua adjacente. Um dos militares disse em voz alta, dirigindo-se ao povo:

- Cidadãos, quero notificar a todos e acautelá-los: durante o bombardeio de Nordhausen, muitos prisioneiros do campo de concentração Boelke Kaserne fugiram, aproveitando o pânico e a confusão. Temos ordens de recapturá-los o mais depressa possível, pois entre eles há muitos elementos perigosos, criminosos, assassinos e inimigos da Alemanha.

Ouvi amedrontado tão duras palavras. Porém, para meu consolo, os refugiados alemães não manifestaram nenhuma disposição de colaborar nem de crer nas palavras do soldado. Ao contrário, uma mulher até se atreveu a sair em nossa defesa, dizendo:

— Esses pobres prisioneiros do campo de concentração também são humanos e hoje, sofrem como nós as

consequências da guerra.

— Muitos alemães lhe aprovaram as palavras com suas vozes de apoio, de modo que o soldado, surpreso, compreendeu que não podia contar com o auxílio dessa gente. No entanto, ainda acrescentou:

— Temos ordens de recolher esses inimigos de nossa pátria, porque eles divulgam falsas notícias, para nos desanimar na luta em que podemos triunfar. Os americanos estão longe daqui, no mínimo cem quilômetros, por isso ainda temos tempo suficiente para preparar uma contraofensiva eficaz.

Mal acabou de pronunciar tais palavras, ouvi risos irônicos e zombarias da multidão. Os alemães já não acreditavam no que lhes diziam as autoridades militares e civis. A mulher que defendera os prisioneiros com tanta coragem, ajuntou:

— Essa ordem de recolher os pobres prisioneiros é injusta e cruel.

Ao que o soldado SS respondeu, visivelmente irritado:

— *Befehl ist Befehl!* (Ordem é ordem), e você não deve defender os inimigos da Alemanha.

— Os soldados do destacamento SS começaram, sozinhos, a procurar os prisioneiros, arrancando-os de entre a multidão e agrupando-os na rua vizinha. Todos os recapturados estavam ainda vestidos de prisioneiros, por isso foram facilmente identificados. Alguns tinham feridos os pés e as mãos.

— Os militares alemães dividiram-se

em dois grupos: o primeiro logo partiu, levando consigo o grupo de prisioneiros recapturados. O segundo ficou para identificar todos aqueles que se aproximavam para receber a sopa. Eu, esquecido da fome, comecei a planejar o modo de sair, o mais depressa possível, do meio daquele povaréu.

— Erguendo meu prato para cima e fingido já haver comido, disse em alemão: *Danke schön!* (Muito obrigado!), deslizei-me por entre os dois distribuidores de sopa, no momento preciso em que um soldado examinava a carteira de identidade da pessoa que estava na minha frente. Atravessando devagar algumas hortas e ruas estreitas, cheguei ao cemitério, julgando que entre os mortos encontraria o lugar mais seguro.

Cansado e desanimado por não poder acalmar a minha fome, decidi dormir um pouco, escondido na grama, entre os arbustos, flores e túmulos. Quando acordei, estava chovendo. De longe, vi alguns aviadores alemães preparando-se para enterrar seus companheiros. Logo abandonaram depois o cemitério, ficando só uma mulher, que chorava talvez a morte de alguém da família.

As pessoas que sofrem alguma aflição, entendem melhor os sofrimentos dos outros. Por isso, aproximei-me dela e disse:

— Senhora, que Deus lhe conceda a sua consolação. Peço que me ajude a achar trabalho, que me indique uma casa que precise de um servente de

pedreiro.

A mulher falou-me, então, da família da viúva Koenig. Uma bomba havia destruído parte de sua casa e destruíra todo o telhado. Lá, portanto, haveria necessidade de gente para consertar os danos. Agradecendo, dirigi-me imediatamente à moradia da família Koenig, aproveitando as informações dadas sobre sua localização. Ao chegar, apresentei-me como servente de pedreiro, oferecendo-me para consertar o telhado semi-destruído, em troca de alguma comida.

Receberam-me sem dificuldades e sem outras perguntas com referência a minha pessoa. Não pediram nem carteira de identidade. Naqueles dias, todos estavam atemorizados pelos bombardeamentos americanos esperando nervosos novas visitas deles a cada momento. Foram os primeiros alemães a me receberem em sua casa com toda a bondade, deles tive meu primeiro alimento, depois de reconquistar a liberdade. Era uma família protestante. No domingo seguinte, toda a família foi à igreja luterana, a única que havia naquela pequena cidade de Leimbach. Convidaram-me para ir também à igreja, mas eu lhes expliquei ser católico. Deixaram então, a casa, com toda a confiança, aos meus cuidados e me deram uma bíblia para ler à vontade.

Agradecendo-lhes, lembrei as palavras de Jesus Cristo Salvador: *Bem-aventurados os misericordiosos, porque obterão misericórdia (Mt 5,7).*

Passei sossegado uma semana naquela família, consertando lentamente o telhado da casa, pois meu desejo era ver, o mais depressa possível, chegar o dia em que pudesse distinguir, de cima do telhado, as tropas do Exército Americano, que já estavam perto de Nordhausen.

ENFIM A LIBERDADE

No dia 12 de abril de 1945, pelas dez horas da manhã, chegaram de Nordhausen, grandes tanques americanos. Um deles deteve-se perto da casa onde eu trabalhava, despertando nossa alegria, entusiasmo e gratidão a Deus, que nos concedera chegarmos a esse momento feliz. Os americanos começaram então a dar várias informações em francês, em polonês e em russo, dizendo:

— Atenção, atenção! A todos os prisioneiros de guerra, aos prisioneiros dos campos de concentração e a todos os trabalhadores estrangeiros, informamos que a guerra chegou ao fim. Em todas as frentes, o inimigo foi derrotado. Os crimes por ele cometidos serão castigados severamente e os vossos sofrimentos serão recompensados. O Exército Americano vai ajudá-los imediatamente. Já não precisam trabalhar para os alemães. Estão livres e logo poderão voltar para a sua pátria. Agora, podem dirigir-se a cidade de Nordhausen e a Dora, onde já foram organizados centros especiais para os

deportados. Nesses centros, receberão alimento, roupa e cuidados médicos. Por favor, divulguem estas informações a todos os que não as ouviram.

Em seguida, os soldados americanos passaram a distribuir pão branco, carne enlatada, cigarros e chocolate. Depois de repetir algumas vezes, em várias partes da cidade de Leimbach, essas informações, partiram de volta à sua base em Nordhausen.

No dia 13 de abril, voltei a Nordhausen, para ver com meus próprios olhos as consequências dos bombardeios do dia 4. Tantos dias depois, alguns edifícios ainda estavam queimando, muitas avenidas haviam sido totalmente destruídas e interditadas por causa dos escombros que atingiam a altura de um prédio de três andares. De tantos bairros lindos, haviam apenas ruínas, vigas enormes de metal torcidas como se fossem de papel, trilhos de bondes elétricos, portas e estilhaços de vidro espalhados por todas as partes, móveis que tinham sido arremessados para a rua pela força gigantesca da explosão das bombas, acompanhada pela pressão do ar e rajadas de vento. Em outros lugares, vi amontoados fuzis, revólveres, câmaras fotográficas e binóculos, que os donos deixaram em resposta à ordem severa do Comando Militar do Primeiro Exército Americano.

Muitas pessoas vasculhavam as lojas destruídas, procurando roupas, calçados, bebidas e alimentos. A maioria dos saqueadores era composta de

estrangeiros de várias nações. Alguns deles morreram quando vasculhavam essas lojas, depois de sobreviverem a toda a guerra, castigados por sua própria imprudência, avariza e exagerado desejo de possuir as coisas do próximo, esquecidos do sétimo e décimo mandamentos da lei de Deus: "Não furtar" e "Não cobiçar as coisas alheias". A morte dessas pessoas era terrível: muitos edifícios, desabando de repente, soterravam tudo que houvesse dentro deles. Outros morreram afogados nos grandes túneis de cerveja, nos porões das fábricas, vítimas do vício de beber, ou envenenados pelo álcool industrial.

A Polícia Militar Americana perseguia os saqueadores, fazendo com que depositassem nos quartéis ou escolas o que haviam apanhado.

Andando assim pela cidade, resolvi ir também ao mesmo lugar onde estivera durante o bombardeamento, para rezar o terço pelos que lá morreram tragicamente no dia 4 de abril de 1945. Entre os prisioneiros falecidos naquele dia, estava também o sacerdote salesiano polonês, padre Estêvão Wojciechowski, com quem eu conversara um dia antes, pela tarde. Ele me chamou e me deu, nessa ocasião, algumas batatas cozidas e com seu otimismo levantou bastante meu ânimo. Era alegre como sempre, assim como no tempo em que trabalhávamos juntos na casa salesiana em Varsóvia. Dele aprendi a não me afligir pelo que possa suceder no dia seguinte.

Chegando à garagem, de longe eu já sentia o cheiro de sangue humano. Os corpos tinham sido recolhidos e enterados, como já foi dito, mas haviam pedaços de carne humana esparramados por todos os lados. Os restos mortais cobertos pelas paredes demolidas continuavam em putrefação nauseabunda. Esse cheiro insuportável e a multidão incontável de moscas me obrigaram a abreviar minhas orações na garagem. Acabei-as no pátio, onde haviam vivos sinais de destruição e numerosas crateras de bombas de vários diâmetros.

No centro da cidade, encontrei também uma grande e belíssima igreja católica. Não havia sido derrotada pelas bombas, exceto parte do telhado, destruído por bombas incendiárias. Na frente da igreja, estava a casa paroquial intacta, bem como um convento e capela de irmãs religiosas.

Fiz uma visita ao Santíssimo Sacramento, agradei a Deus a minha salvação e pedi ajuda para os dias vindouros, para saber onde e como eu deveria começar novo capítulo de minhas atividades, como retornar à Polônia e à Comunidade Salesiana a que eu pertencia.

Depois de permanecer algum tempo na igreja, fui até a casa paroquial à procura do Vigário. Recebeu-me com certa cautela, justificada pelo meu aspecto exterior, pelos trajes e pela falta de qualquer documento de identificação, além disso, o meu fraco alemão era apenas suficiente para eu ser compreendido.

Lamentou muito não poder ajudar-

me materialmente, mas me forneceu o endereço da casa salesiana mais próxima, em Kassel, distante de Nordhausen mais ou menos 100 quilômetros, sugerindo-me que os americanos poderiam ajudar-me eficazmente, sendo eu estrangeiro e prisioneiro de guerra.

Anotei o endereço da casa salesiana em Kassel, e voltei para a igreja, porque estava sem saber o que fazer e a quem procurar. Uma coisa estava descartada: a volta a Dora, símbolo, para mim, de escravidão e antessala de crematório. Não é fácil para um ex-prisioneiro de campo de concentração perder a mentalidade típica de pessoas sofridas e privadas da liberdade.

Depois de breve oração e reflexão, saí da igreja. Na saída, me deparei com um soldado americano, da Polícia Militar, a julgar-se pelo capacete, que levava as letras M.P. (Military Police).

Qual não foi minha surpresa, ao ouvir suas palavras pronunciadas em polonês: — *Kto ty jesteś?* (Quem é você?).

Em poucas palavras expliquei-lhe que era sacerdote católico e polonês, que havia saído do campo de concentração da cidade de Nordhausen. Tinha entrado na igreja para agradecer a Deus a liberdade e para pedir sua bênção. Então, ele me convidou a acompanhá-lo. Após caminharmos cerca de trezentos metros, chegamos a um edifício sólido e grande que não fora destruído pelas bombas. No pátio, havia um grande número de prisioneiros alemães.

Entramos numa sala onde havia gran-

de quantidade de roupas, sapatos, chapéus e outros objetos, provenientes, como soube depois, das lojas parcialmente arruinadas pelos bombardeamentos.

Pude levar tudo o que precisava. Mudei, então, a roupa toda: calça, patêto, os sapatos e escolhi um chapéu. Quando o soldado americano voltou, encontrou-me já totalmente trocado. Acompanhou-me até a entrada vigiada por duas sentinelas. Aí me deu mais um presente: um relógio de bolso com uma correntinha. Não quis dizer-me como se chamava, o que era compreensível, porque era soldado. Era polonês de origem, e, mencionando a Polônia, manifestava saudade e respeito. Prometi-lhe minhas orações e a eterna gratidão.

Voltei novamente à igreja para agradecer a Deus sua visível ajuda. Na porta, haviam duas mulheres que conversavam em polonês. Aproximando-me, disse-lhes:

— *Niech będzie pochwalony Jezus Chrystus!* (Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo!).

— O senhor também é polonês? — perguntou-me uma delas.

— Sim — respondi-lhe. — Sou polonês e também sacerdote. Então já é o terceiro sacerdote polonês que encontramos hoje.

Convidado para visitar dois padres poloneses que tinham sido prisioneiros como eu do campo de Dora, encontrei-os acamados. Um deles era o padre

Casimiro Godziek, missionário de São Vicente de Paulo, e o outro, padre Casimiro Dobrzycki, da Ordem Paulina do Santuário de Czestochowa. Este último esteve comigo também no campo de concentração de Gross-Rosen.

Graças a esse encontro providencial eu também achei hospedagem na família polonesa Proszynski, transferida da Silésia para Nordhausen, pelos alemães.

Essa família, ao perceber meus sofrimentos, causados pelo boxeador do campo de concentração de Dora, encaminhou-me à clínica Goldberg que não fora destruída durante o bombardeio de Nordhausen. A clínica possuía excelente corpo médico e sofisticados equipamentos. Depois de me aplicarem um tratamento especial de radioterapia, chamado em alemão *Tiefe Bestralung* (Irradiação profunda com raios-X), o hematoma sarou e as dores mandibulares desapareceram. Antes, cada tentativa para abrir a boca me provocava uma dor aguda e insuportável.

“TIVE DE APRENDER DE NOVO A REZAR MISSA”

Reconquistada a saúde, eu ia visitar a igreja diariamente e assistir à Missa celebrada pelo Vigário, cônego Werner. No campo de concentração, devido à desnutrição prolongada, sofri grande perda de memória. Tive que aprender de novo como se celebra a Santa Missa.

No campo de concentração, lembra-

va-me apenas de uma oração, rezada por mim em latim:

Offerimus tibi, Domine, calicem salutaris, tuam deprecantes clementiam, ut in conspectu Divinae Majestatis tuae, pro nostra et totius mundi salutis, cum odore suavitatis acendat. (Oferecemos-te, Senhor, o cálice da salvação, pedindo tua misericórdia, para que suba, qual perfume agradável, pela nossa salvação e a de todo o mundo.)

No princípio do mês de maio, eu já podia celebrar sozinho a Santa Missa. Então, também fui encarregado pelo Vigário, cônego Werner, de preparar os noivos poloneses para o matrimônio, assim como confessá-los, pois ele não falava a nossa língua e os noivos não entendiam alemão.

Este meu primeiro apostolado após a libertação, perdurou até o dia 20 de junho, quando, são e salvo, voltou da guerra Reinhold Proszynski, o filho mais velho da família que me hospedou, alimentou e deu atenção médica gratuita.

Então fiquei livre para planejar minha volta à Comunidade Salesiana.

A mãe de Reinhold chorou de alegria, porque Deus lhe escutara as orações e lhe manifestara sua misericórdia. Eu creio que Deus quis recompensar essa família pelas obras de misericórdia que fizera em favor de muitas pessoas necessitadas.

No entanto, chegou também a oportunidade de realizar meu desejo ardente: voltar à casa salesiana e viver na Comunidade como antes.

Um dia, quando eu estava preparando um casal para o sacramento do matrimônio, vi chegar à igreja um jipe, ocupado por dois capelães militares americanos, seu motorista também soldado americano, e uma freira. Entraram na igreja para rezar e depois quiseram saber quem eu era. Vindo a saber que eu era polonês, sacerdote salesiano, ex-prisioneiro dos campos de concentração e que estava esperando uma oportunidade para voltar a Kassel, um deles disse:

— A oportunidade apareceu, pois, estamos precisamente indo para a cidade de Paderborn, levar uma freira alemã que durante a ofensiva americana teve que abandonar seu convento. Ela nos tinha convidado para visitar esta igreja e pedir a bênção de Deus e um feliz retorno.

E aí os capelães militares, em confiança, me dão uma informação quase incrível: a cidade de Nordhausen, daqui a uma semana, será entregue aos soviéticos, em cumprimento do acordo previamente firmado entre russos e aliados. Os russos ocuparão as províncias da Saxônia, Turingia, Anhalt e metade de Berlim. A outra metade da capital será ocupada pelas tropas do exército americano, inglês e francês.

No dia 22 de junho, após o almoço, despedi-me da família Proszynski, uma vez mais agradecendo os favores recebidos. Depois, os capelães militares americanos me levaram em seu jipe ao quartel-geral do Primeiro Exército

Americano, onde recebi uma autorização, escrita em inglês, para poder viajar à cidade de Kassel e exercer livremente meu ministério sacerdotal. Essa autorização tinha também uma nota adicional, pedindo que me fosse proporcionado todo tipo de ajuda necessária.

Na tarde daquele mesmo dia, às cinco horas, estávamos já em Kassel, no bairro de Bettenhausen, Leipzigerstrasse, 145.

Foi muito emocionante e agradável, depois de minha permanência nos campos de concentração nazistas, ser recebido efusivamente, e com sinceridade, na casa salesiana, por uma outra categoria de alemães e pelo próprio padre Diretor, que na presença dos capelães militares, disse:

— Aos reverendos capelães, agradoço, em nome da Congregação Salesiana, o favor que nos fizeram, devolvendo-nos um dos nossos queridos irmãos que, sofrendo, não perdeu sua confiança em Deus, por isso Deus o ajudou a levar a cruz. Hoje está livre e é bem-vindo à nossa casa. Nós, Salesianos, formamos em todo o mundo uma grande família, composta de diversas nacionalidades, mas todos vivemos em verdadeiro amor fraternal, realizando o grande ideal comum de São João Bosco, nosso fundador: a educação da juventude pobre e abandonada, para que sejam bons cristãos e bons cidadãos.

Os capelães americanos, depois de repartir entre nós, roupas, alimentos e pequenos presentes, foram para Paderborn, a fim de lá deixar, no Conven-

to, a freira alemã.

No momento da despedida, eu soube que nosso encontro em Nordhausen, na igreja, não fora intencional, mas fortuito. Eles desejavam rezar antes de viajar, sem saber que seriam instrumentos nas mãos de Deus, auxiliando-me precisamente nos dias em que eu não poderia esperar, nem receber ajuda dos outros homens.

Essa viagem a Kassel mudou os caminhos do meu apostolado, anulou meus planos de retorno à Polônia, detendo-me na Alemanha por cinco anos ainda, facilitando minha decisão de emigrar para a América do Sul (Equador e Brasil), e dando-me mil oportunidades de propagar que só Jesus Misericordioso é e será sempre *nossa única esperança e nossa salvação*.

GRATIDÃO

Pela Misericórdia Divina completei 88 anos de vida. Já há muito, faço parte do que chamamos "terceira idade".

Terceira e última, porque a Sagrada Escritura diz: "Setenta anos é tempo da nossa vida. Oitenta anos, se ela for vigorosa; e a maior parte deles é fadiga e mesquinhez, pois passam depressa e nós voamos" (Sl 89,10).

Vivendo por muito tempo, adquirimos mais experiência e ficamos mais conscientes de que perderemos nossa existência.

Nós também dizemos sinceramente como Jó, na bíblia: "Minha vida é um

sopro" (Jó 7,7).

"A vida é uma dádiva de Deus Misericordioso, por isso, devemos esforçar-nos cada vez mais para torná-la a melhor que pudermos, pelo uso sábio das oportunidades que Deus nos oferece."

Sim, a vida é um dom sagrado, no qual Deus faz luzir seu mistério e seu amor.

Esta é a voz sincera da minha experiência dos meus oitenta e oito anos, que vivi na Rússia, Polônia, Alemanha, Equador e aqui no Brasil, por 34 anos.

Por certo, no decorrer dos anos da infância e da juventude na Polônia, da idade madura na Alemanha e no Equador, como também aqui no Brasil, foram muitas alegrias e sofrimentos, mas em todos os lugares prevalecem nas minhas recordações o que houve de melhor e conseguinte, isto me permite sinceramente não conservar amargura alguma do passado. Ao contrário, sinto a imensa gratidão e impulso de agradecer a Deus, por haver me prolongado a vida de maneira milagrosa, afastando sempre os piores perigos e sofrimentos, caminhando "A um passo da morte", especialmente nos anos da Primeira e Segunda Guerra Mundial.

Agora sei, por minha própria experiência, que a terceira idade da vida é do relativo repouso e reflexão, admirando a bondade e paciência de meus irmãos que, exonerando-me de grandes responsabilidades, deixam-me a liberdade de assumir as pequenas tarefas e compromissos, para não sentir eu mesmo o pior na vida: a inércia absoluta.

"Feliz de quem atravessa a vida tendo mil razões para viver".

Realmente, há ainda tantas coisas a fazer também na terceira idade, há multidão de pequenos serviços a prestar. Existem tantos corações a serem compreendidos, perdoados e amados pelo sacerdote, velho confessor e amigo. Há tantos sofrimentos a serem consolados e compartilhados, infundindo em tantos corações a confiança em Jesus Misericordioso, para que todos pudessem dizer: "Senhor, por mais duro que seja o meu caminho, fazei com que eu ande. Quero seguir-vos até a cruz. Vinde, tomai a minha mão".

E eu mesmo deveria dizer todos os dias: "O que retribuirei ao Senhor por tudo o que Ele fez por mim? Oferecerei o cálice da salvação, invocando o nome do Senhor."



TESTEMUNHOS SOBRE O PADRE LADISLAU KLINICKI

**Homilia de Dom Hilário Moser, SDB,
Bispo Emérito de Tubarão – SC**

Alegremo-nos todos no Senhor, pois, nesta Santa Páscoa, Ele acolheu na glória do paraíso nosso querido irmão, Padre Ladislau Klinicki, na veneranda idade de quase 108 anos. Sua idade provecta, sem dúvida é motivo de admiração e veneração, no entanto, o que mais admiramos no Padre Ladislau é sua própria vida: simples, reta, firme, sacrificada, doada, exemplar, generosa, amiga, até o fim.

O Padre Ladislau merece uma biografia, tão luminoso é seu exemplo, inclusive, para que tendo sido até horas atrás, o Salesiano mais idoso do mundo, sirva de exemplo para as novas e futuras gerações, em particular na Polônia, onde nasceu, na Alemanha, onde sofreu os horrores da guerra e, libertado, desenvolveu por certo tempo seu apostolado no Equador, onde foi missionário e no Brasil, onde se tornou uma das figuras mais admiradas e amadas da nossa Inspetoria.

Nesta homilia, eu desejo pôr em relevo somente algumas linhas de sua personalidade, como ser humano, como Salesiano, como sacerdote. Não há dúvida que o que marcou em profundidade a pessoa do Padre Ladislau foi

sua prisão no campo de concentração na Segunda Guerra Mundial.

Foram anos de sofrimento psicológico, moral, espiritual e físico, que, no entanto, não conseguiram dobrar a espinha do homem Ladislau, dotado pela natureza e pela educação familiar, salesiana e sacerdotal, de um caráter límpido e transparente, firme como a rocha. Sobreviveu ao campo de concentração, particularmente, graças à invocação ininterrupta de “Jesus, eu confio em vós”!

O sofrimento colaborou para fazer do Padre Ladislau um homem, um Salesiano, um padre por inteiro, sem trincaduras, sem vacilações. Jamais ocultou sua qualidade de consagrado, de sacerdote, de Salesiano.

Como Dom Bosco, foi padre, sempre padre, em toda parte e em todo lugar, sem respeito humano, sem se envergonhar, sem arredar pé de seguir Jesus, carregando sua cruz e praticando ou Evangelho, até de forma heroica.

Seria até normal que uma pessoa sofrida como o Padre Ladislau carregasse ao longo da vida, as marcas de seu martírio. No entanto, uma de suas qualidades foi sempre a alegria, a disponibilidade de sorrir e rir com suas piadas, a comunicabilidade entre as crianças e jovens, para quem sempre trazia as fa-

mosas balitas no bolso.

Quem via o Padre Ladislau se divertir e sorrir com suas historinhas, jamais poderia pensar que se encontrava na presença de um condenado a um campo de concentração.

“Jesus, eu confio em vós” deu-lhe, não somente a coragem de enfrentar uma vida dura, mas também, a disposição de se alegrar com a vida, sempre bela, sempre contínuo dom do Pai celeste.

Sua alegria era o testemunho de sua amabilidade, de sua proximidade. Quem tinha medo do Padre Ladislau? Impossível! Seu sorriso, seus gestos, seu bom humor, abriam caminhos para qualquer um. Abriam particularmente, os corações à confiança.

Foi particularmente a confiança que o Padre Ladislau despertava que fez dele o confessor de gerações inteiras de Salesianos e jovens, grande apóstolo da misericórdia: sempre disponível a administrar a misericórdia do Senhor, derramando generosamente nos corações o bálsamo que curava as feridas do pecado. Bem que, neste particular, o Padre Ladislau poderia ser posto ao lado de outro grande Salesiano confessor, o Venerável Padre Rodolfo Komorek, ambos da Polônia.

Sem dúvida, não irá faltar quem ilustrará sua vida fecunda, sua personalidade, testemunho e exemplo. Por agora, recomendamos o Padre Ladislau a Jesus, em quem ele sempre confiou e do qual, tenho certeza, ao penetrar no

paraíso, terá ouvido: Bem-vindo, Padre Ladislau, eu também sempre confiei em você! Que a Santa Mãe Maria Auxiliadora, Dom Bosco e o Venerável Padre Rodolfo o acolham em sua companhia, a viver com eles para sempre, na alegria da paz e da felicidade eterna. Assim seja!

Testemunho do Padre José Antenor Velho

Algumas lembranças sobre os últimos meses de vida do Padre Ladislau Klinicki:

Confissões: Serviço que ele prestou por longos anos na Inspetoria, quer nas casas de formação, quer nos retiros da comunidade inspetorial, sobretudo, nas últimas semanas. Ele, com frequência, com o seu sotaque polonês pedia às cuidadoras: “a estola, porque vou atender as confissões”. Nesse mesmo tempo, pude ouvi-lo pessoalmente, muitas vezes, “dando a absolvição” a penitentes imaginários.

Eucaristia: Ao longo dos últimos anos, pedia para ser levado na cadeira de rodas à capela, onde por horas, rezava diante da Eucaristia. Enquanto ainda tinha forças, quando não era levado, ia sozinho à capela na cadeira de rodas, que dirigia muito bem, apesar da quase total cegueira. Enquanto pôde, ia à Missa todos os dias, e, embora nem sempre acompanhasse a celebração pela surdez, quando conseguia ouvir algo, elevava a voz além do normal e respondia às orações propostas.

Nas últimas semanas, já não era levado à Missa, mas em um domingo, quando o Padre Diretor foi cumprimentá-lo, assim, que se deu conta, pediu: “Padre Diretor, peça para me trazerem a comunhão”.

Gratidão: Quando a comunhão era levada durante a Missa até o seu lugar, ele a recebia e, em seguida, tentava beijar a mão do sacerdote, agradecendo e continuando suas orações sibildas - muitas vezes em polônês. Ao fim da missa, com o célebre sotaque, dizia sempre: “Muito obrigado ao Reverendo Padre Celebrante”. Enquanto vivia o Padre Chico, ele continuava dizendo: “E ao meu amiguinho, Padre Francisco!”. Viveram muitos anos na Comunidade de Santa Teresinha e o Padre Chico sempre lhe levava balas, chocolates e vinhos.

Palavras de Dom Vitório Pavanello SDB, Arcebispo Emérito de Campo Grande (MS):

Foi uma surpresa desagradável a notícia do falecimento do nosso querido e agora saudoso, Padre Ladislau Klinicki.

Embora a sua idade sempre inspirasse cuidados especiais e poderia ser chamado à vida eterna a qualquer momento, para mim, foi uma comunicação de tristeza.

Sou muito grato ao Padre Ladislau pelos anos de convivência com ele em Lavrinhas, quando fui diretor e ele confessor. Eu o tinha como meu confessor

e diretor espiritual, que muito me ajudou a crescer na Vocação Salesiana e sacerdotal.

Foi um Salesiano exemplar de bondade, de alegria e comunhão fraterna. Chamava-me a atenção em ouvir dele tantos horrores de guerra por que passou, ele não transmitiu nenhum trauma por tudo o que passou. A vida interior unida a Cristo foi muito mais forte. Os sofrimentos não o abateram.

Soube ser amado pelos aspirantes e, ao dar aula de formação religiosa, ao relatar as epopeias da sua vida salesiana, especialmente nos campos de concentração, eles tiveram a iniciativa de anotar todos os relatos acontecidos com ele nos anos de sua tribulação junto aos nazistas. Assim, saiu o livro da sua história: “A um passo da morte”.

Muito me marcou no Padre Ladislau a sua bondade e serenidade em conviver com todos, amando-os, acolhendo-os sempre em suas necessidades espirituais e muito próximo das crianças com as “balitas” no bolso para distribuí-las aos pequenos.

Alegremo-nos muito, porque já está celebrando no céu salesiano, a Páscoa eterna com Jesus misericordioso, com Nossa Senhora Auxiliadora e Dom Bosco.

Amanhã cedo, celebrarei a Santa Missa em sufrágio para que ele, se precisar das nossas orações — penso que não — veja quanto antes, a face benigna de Deus misericordioso e interceda por todos nós para sermos perseverantes e santos

como ele testemunhou em sua vida.

Palavras do Padre Justo Ernesto Piccinini, Inspetor Salesiano na missa de corpo presente.

“Jesus, eu confio em vós” e é fruto dessa plena confiança que alimentou sempre em seu coração, que Padre Ladislau goza e vive plenamente na presença junto de Deus. A confiança gera vida e no caso do Padre Ladislau, vida em plenitude. Jesus, eu confio em vós e, quem confia, jamais será desamparado. Que felicidade para todos nós, neste momento, acreditarmos que esse nosso bom irmão está nos braços do Pai. Essa confiança que sempre nos ensinou, agora, se concretiza na sua mais ampla e plena verdade.

Nos deixa hoje um grande consagrado, religioso sacerdote, salesiano, homem de muitas virtudes e qualidades. Deus tem sido sempre generoso para com este nosso irmão. E ele repete a mesma generosidade para conosco. Sempre tem sido, nos seus longos anos, uma presença atuante, dedicada, positiva, animadora, construtora de bons laços de ternura, carinho e de valorização da pessoa que dele se aproximasse.

Todo sacerdote recebe de Deus o grande ministério de ser o distribuidor dos seus dons e das suas graças - os dons e as graças de Deus. Foi o que fez sempre o Padre Ladislau com a sua vida, empenhada e gasta por muitos

anos na distribuição da misericórdia de Deus ao seu povo, aos formandos da nossa Inspetoria, Salesianos em geral, as queridas Irmãs Salesianas, à sua Capelania Polonesa, situada no Bom Retiro, e aos Arautos do Evangelho. Quantos acorriam a ele para viverem essa experiência e realidade de serem acolhidos, amados e perdoados pelo Pai, Senhor das Misericórdias. E ele como ministro ungido para esta missão, o fazia com carinho, com serenidade e com muita humanidade. Todos se sentiam bem com ele. Retornavam à sua vida restaurados e renovados no amor, na paz.

Tanto tempo viveu e foi uma vida sempre marcada pela doação, de si mesmo para o bem e a salvação do outro. Realizou grandes serviços para o crescimento do Reino de Deus entre nós, deixou marcas profundas em muitos corações. Além do ministério sacerdotal no atendimento ao povo, exerceu com plena dedicação o ministério do sacramento da reconciliação, foi professor em Lavrinhas e Pindamonhangaba, seminários salesianos, administrando aulas de latim e inglês. Ensina a cantar e um grande apóstolo da boa imprensa. Distribuiu milhares do seu livro, intitulado: “A um passo da morte”, contando toda a sua trajetória de vida e sofrimento, de luta e dor, que enfrentou na guerra e no pós-guerra. Além de, apesar da idade, continuar sempre montando apostilas com artigos e fotos dos tempos em que vivemos e da



história que construímos. Deixou de fazer isso agora, ultimamente, por não conseguir enxergar devido à catarata acentuada que lhe tirou a visão.

Um religioso Salesiano consagrado e muito consciente da sua consagração. Feliz por ser um filho de Dom Bosco. Dele, aprendeu todo o carinho e manifestou sempre a todos os jovens e aos irmãos consagrados na mesma missão. Gostava de viver em comunidade. Falava de Dom Bosco com o coração, profundamente devoto de Nossa Senhora Auxiliadora. Os seus conselhos em relação à Mãe nos deixavam cada vez mais felizes em nos aproximarmos d'Ela e a nos consagrarmos debaixo de sua proteção, tamanha era a confiança que ele semeava em nossos corações.

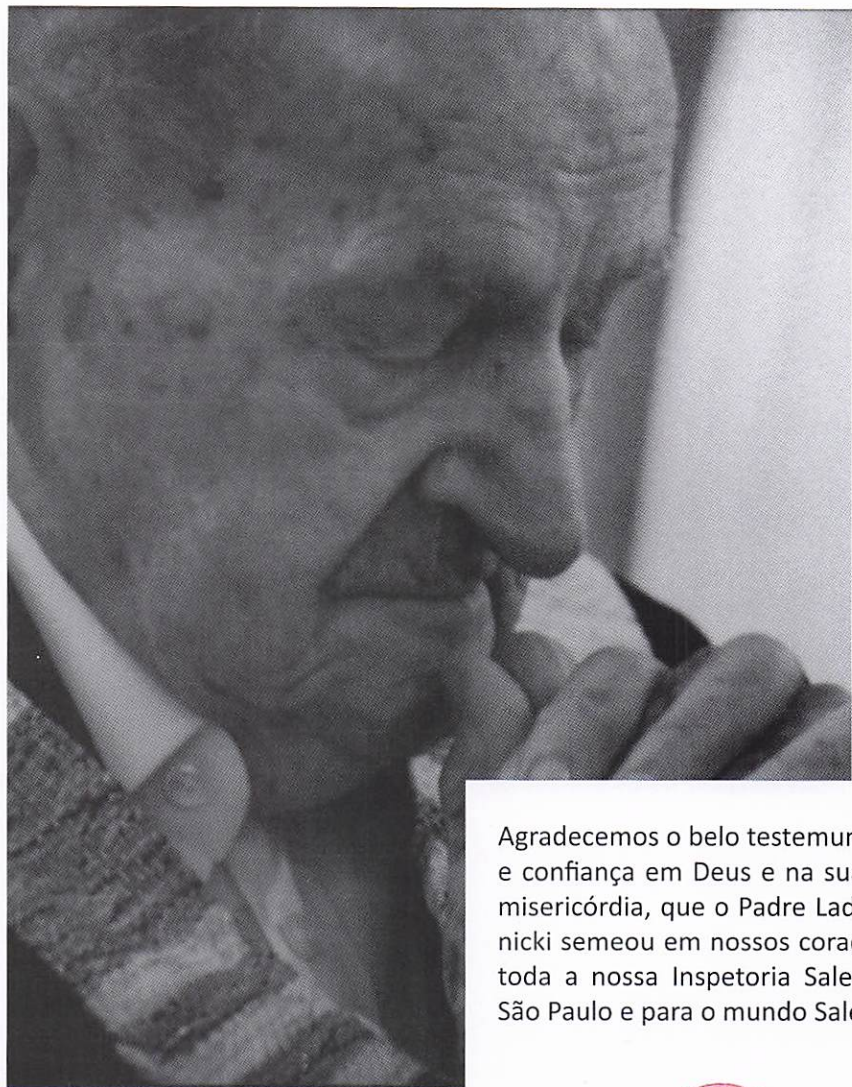
Todos os dias, esse santo Padre nos

ensinou a termos confiança no amor misericordioso de Jesus. E ele, por diversas vezes, nos disse ser fruto desse amor misericordioso de Jesus. Que ele ainda estava vivo pela misericórdia, por isso, sempre nos levava a rezar esta jaculatória: "Jesus, eu confio em vós". Diante do irmão que parte e que nos deixou tantos exemplos de vida, assumamos em primeiro lugar, o seu grandioso testemunho em Jesus misericordioso, alimentando em nós a mesma confiança. "Jesus, eu confio em vós".

Padre Ladislau, agradecemos o seu testemunho de vida, a missão bonita que o Senhor realizou entre nós e as graças de Deus que o Senhor atraiu sobre a nossa congregação. Descanse em paz. Receba o prêmio dos justos que foram sempre fiéis ao Senhor Deus.

LINHA DO TEMPO

| Fato | Local | Data |
|-------------|----------------------------|-----------------------------|
| 14.06.1914 | Kursk, Rússia | Nascimento |
| 1930 | Ląd e Marszałki – Polônia | Primeiro Colégio Salesiano |
| 1933 | Czerwińsk (Polônia) | Noviciado |
| 26.07.1934 | Czerwińsk (Polônia) | Primeira Profissão Trienal |
| 06.07.1937 | Marszałki – Polônia | Segunda Profissão Trienal |
| 15.08.1938 | Rózanystok (Polônia) | Profissão Perpétua |
| 1934-1939 | Marszaki (Polônia) | Pós-Noviciado |
| 1937-1939 | Varsóvia (Lipowa) – Supras | Tirocínio |
| 1939-1943 | Wilno (Polônia) | Teologia |
| 15.02.1940 | Wilno (Polônia) | Leitorado |
| 16.02.1940 | Wilno (Polônia) | Acolitado |
| 27.10.1942 | Wilno (Polônia) | Diaconado |
| 14.02.1943 | Vasóvia Ordenação Sacerd. | D. Casimiro Bukraba |
| 1943-1944 | Vasóvia (Polônia) | Catequista |
| 1944-1950 | Hannoversch-Muden- Alemã | Vigário Capelão |
| 1951-1955 | Quito - Equador | Conselheiro, Professor |
| 1956-1959 | Quito - Equador | Ecônomo, Professor |
| 1960-1961 | Cuenca – Equador | Professor e Confessor |
| 1962 | Guayaquil – Equador | Pároco Maria Auxiliadora |
| 1963-1967 | Guayaquil – Equador | Confessor |
| 1968-1970 | São Paulo - Brasil | Capelão dos Poloneses |
| 1971-1978 | Lavrinhas - SP | Confessor e Prof. de Inglês |
| 1979 | Americana - SP | Vigário Paroquial |
| 1980-1990 | Pindamonhangaba - SP | Confessor e Prof. de Inglês |
| 1991-2022 | Santa Teresinha - SP | Confessor/tratamento saúde |
| 2022 | Santa Teresinha - SP | Falecimento 12/04/2022 |



Agradecemos o belo testemunho de fé e confiança em Deus e na sua infinita misericórdia, que o Padre Ladislau Klinicki semeou em nossos corações, em toda a nossa Inspetoria Salesiana de São Paulo e para o mundo Salesiano.



Padre Narciso Ferreira, SDB.




SALESIANOS
INSPETORIA SALESIANA
DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA



salesianosspp.org.br

DADOS PARA O NECROLÓGIO

PADRE LADISLAU KLINICKI

* Kursk, Rússia, em 14 de junho de 1914
† São Paulo (Brasil), 12 de abril de 2022, com
107 anos de idade,
79 de presbiterato e
88 de vida religiosa salesiana.

Está sepultado no Cemitério do Santíssimo Sacramento,
em São Paulo, no Jazigo dos Salesianos.